

Outra Vez

Como se não houvesse o amanhã

Threver Baruch



Outra Vez

Como se não houvesse o amanhã

THREVER BARUCH

Outra Vez

Como se não houvesse o amanhã

Threver Baruch

Epígrafe

*“Talvez o tempo não leve tudo.
Talvez, só talvez...
ele devolva o que o amor não esqueceu.”*

Nota do Autor

Esta não é apenas uma história de amor.
É uma história sobre tempo.
Sobre aquilo que não dissemos. Sobre o que deixamos para depois.

Escrevi esta história porque, em algum momento da vida, todos nós desejamos **uma outra vez**.

Um recomeço. Um reencontro. Uma chance de dizer:
“Agora eu entendo.”

Que esse livro encontre você onde a saudade ainda mora.
E que, ao fechar a última página, você tenha coragem de viver
como se não houvesse o amanhã.

Sumário

Epígrafe	4
Nota do Autor	5
Prólogo – Onde Tudo Começou	10

Parte I – O Espelho do Tempo

Capítulo 1 – O Espelho do Passado13

Capítulo 2 – O Que os Olhos Não Dizem29

Capítulo 3 – Os Primeiros Silêncios39

Capítulo 4 – Coisas que não se dizem48

Capítulo 5 – Como se o mundo parasse58

Capítulo 6 – O Silêncio entre as Palavras63

Capítulo 7 – Como se fosse casa70

Parte II – Quando o Amor Fala Mais Alto	
Capítulo 8 – O Silêncio	80
Capítulo 9 – A Mensagem	86
Capítulo 10 – O Tempo Não Apaga Tudo	90
Capítulo 11 – O Olhar Que Vê o Invisível	96
Capítulo 12 – Quando Tudo Desmorona	101
Capítulo 13 – Enquanto Eu Dormia	108
Capítulo 14 – O Reencontro	115
Capítulo 15 – Os Dez Dias	120

Parte III – A Outra Chance

Capítulo 16 – A Última Aurora	125
Capítulo 17 – O Tempo Que Renasce	132
Capítulo 18 – O Silêncio Que Antecede	136
Capítulo 19 – O Amanhã	144
Capítulo 20 – A Última Página	151
Epílogo	154
Sobre o Autor	156
Direitos Autorais	157

Prólogo - Onde Tudo Começou

Naquele dia, o telefone tocou logo cedo. Era uma ligação do hospital. Mas eu ignorei. Me levantei, me vesti, fui trabalhar, cumpri o dia como se nada estivesse fora do lugar. Somente ao voltar para casa, cansado e molhado da chuva que caía incessante, vi a carta sobre a cabeceira. A mesma caligrafia suave. E as palavras que me destruíram. Foi nesse instante que a culpa me consumiu como fogo.

A chuva caía fina, melancólica, como se o céu soubesse da dor que me consumia por dentro. Eu estava ali, deitado naquela velha cabana de madeira, cercado por lembranças que não se calavam. O som do telhado pingando era como um metrônomo do passado, marcando o tempo que eu deixei escapar.

Ela se foi.

E eu... eu fui embora antes dela.

Não no corpo — mas na alma. No silêncio. Na covardia de não ter ficado quando ela mais precisou de mim.

Fecho os olhos e vejo seus olhos pedindo socorro, seu sorriso que escondia dores, e minha ausência cravada como

lâmina em sua história. Eu tinha tudo: o mundo aos meus pés, planos, promessas... e deixei ela morrer sozinha.

Ela chorou sozinha. Sentiu dor sozinha. Lutou sozinha.

Tentou me dizer que algo estava errado, tentou me mostrar que estava caindo aos pedaços por dentro — mas eu não a ouvi. Estava ocupado demais sendo o homem de futuro brilhante para perceber que ela se apagava em silêncio.

E depois que partiu, só me restou a carta. Uma folha dobrada com a sua caligrafia suave, deixada ao lado da cama, no último canto onde ainda existia um vestígio dela.

Na carta, ela dizia que me amava. Que mesmo com todas as ausências, mesmo com todas as dores, ela havia ficado por mim. Que tudo que desejava era o meu bem — mesmo que isso significasse não estar mais ao meu lado.

"Eu te amei até o fim. Mesmo quando você não viu. Mesmo quando você não quis ver."

As palavras dançavam diante dos meus olhos turvos. E foi ali, segurando aquela carta molhada pelas lágrimas, que senti o

peso de tudo o que deixei para trás. A dor era tamanha que meu corpo fraquejou. Meu coração parecia não caber dentro de mim.

E chorando, consumido pelo arrependimento, saí da cabana e fui andando pela rua. A chuva caía mais forte agora, misturando-se com minhas lágrimas. Meus passos eram pesados, arrastados, e cada lembrança pesava como pedra em meu peito. Senti raiva de mim. Ódio do que fui. Daquilo que deixei de ser.

Cambaleei até cair de joelhos no meio da rua. O mundo ao redor era um borrão. Gritei, mas nem o vento pareceu ouvir. E ali, sob a tempestade e a escuridão, adormeci...

Na esperança de fugir daquela dor, e que tudo fosse um sonho, enquanto a chuva me embalava como uma mãe embala o filho órfão. E foi ali, entre o lamento e a solidão, que aconteceu.

Capítulo 1 – O Espelho do Passado

O vento gelado cortou meu rosto quando abri os olhos.

Não estava mais caído no asfalto, encharcado pela chuva. Não segurava mais a carta amassada em meus dedos trêmulos. Em vez disso, estava *aqui*—no lugar onde tudo começou.

O campus da universidade estava exatamente como eu lembrava: os corredores movimentados, o cheiro de café barato vindo da cantina, os murmúrios de estudantes apressados. E, no meio da multidão, *ele*.

Eu.

Mais jovem. Mais leve. Mais estúpido.

Meu coração acelerou quando me vi—cabelo desarrumado, mochila nas costas, sorrindo como se o mundo não pudesse me machucar. Como se eu tivesse tempo infinito.

E então... *ela* apareceu.

Ela passou por ele, esbarrando levemente em seus ombros.

— "*Desculpa!*" — ela riu, os olhos brilhando como sempre faziam quando estava nervosa.

Meu eu jovem corou, gaguejou algo ininteligível e deixou que ela seguisse sem dizer mais nada. *Idiota*. Eu me lembrava daquele momento. Era a primeira vez que a vira. E, como sempre, eu não tinha coragem de dizer mais do que duas palavras.

Meus punhos se fecharam. Eu sabia o que vinha a seguir. Sabia como essa história terminava. E, mesmo assim, algo dentro de mim gritava:

— "*Fale com ela, seu imbecil! Não deixe ela ir!*"

Mas as palavras não saíram. Porque *eu* não era mais aquele garoto.

Olhei para o meu reflexo no vidro de uma janela próxima. Um rosto mais velho, marcado por rugas de arrependimento, olhos afundados de noites maldormidas. Um estranho.

E então percebi:

Eu não estava aqui para *mudar* o passado.

Foi então que vento levou seu perfume naquele dia, e eu só pude senti-lo.

Ela desapareceu entre a multidão, e meu eu mais jovem ficou parado, como se algo—ou alguém—tivesse puxado ele por um fio invisível. Ele olhou para trás, por um instante, mas ela já tinha virado a esquina.

"Vai atrás dela", eu gritei, sabendo que ele não me ouviria.

Ele não foi.

Três dias depois, ele a viu de novo.

Ela estava sentada na biblioteca, cercada por pilhas de livros, a luz do fim de tarde dourando seus cabelos. Meu eu jovem parou na porta, como se tivesse esbarrado em um quadro vivo.

"Entra", eu supliquei.

Dessa vez, ele entrou.

Fingiu procurar um livro nas prateleiras ao lado dela. Ficou ali, respirando fundo, até que ela ergueu os olhos.

— *"De novo você?"* Ela sorriu, como se já esperasse por aquilo.

— *"Eu... acho que sim."* Ele tentou disfarçar o tremor na voz.

Ela fechou o livro devagar.

— *"Você sempre fica olhando, mas nunca fala nada."*

Porque ele tem medo, eu pensei. Medo de se machucar. Medo de machucar ela. Medo de não ser o suficiente.

Mas ali, naquela tarde, ele engoliu o medo.

— *"Qual livro você tá lendo?"*

Ela virou a capa para ele ver: *"O Amor nos Tempos do Cólera"*.

— *"É sobre um amor que espera décadas para acontecer"*, ela disse, os olhos brilhando com uma mensagem que ele não entendeu. *Ainda*.

Uma semana depois, ele a encontrou na parada de ônibus, encurralada pela chuva.

Ela não tinha guarda-chuva. Ele tinha, mas estava dobrado na mochila—o mesmo de sempre, sempre preparado, mas nunca aberto.

"Oferece pra ela", eu disse, sabendo que ele hesitaria.

Ele hesitou.

Mas então ela espirrou.

— *"Caramba, você vai ficar aí me vendo morrer de pneumonia?"* Ela riu, a franja encharcada colada na testa.

Ele abriu o guarda-chuva com mãos trêmulas.

— *"Divide comigo?"* Ela perguntou, já se aproximando, seu braço encostando no dele.

Ele sentiu o cheiro do shampoo dela—maçã verde. Nunca mais esqueceria.

Era estranho como tudo parecia tão real.

O som dos passos apressados no corredor da universidade, o cheiro das folhas úmidas do outono, o eco dos risos e conversas

atravessando a praça central. Tudo ali era palpável. Quase dolorosamente vívido.

Eu seguia meu eu mais jovem à distância. Ele não me via.
Ninguém me via.
E ainda assim, eu estava ali.

Não sabia se era um milagre, um sonho lúcido, ou alguma chance oferecida pelos céus. Tudo o que eu sabia era que **eu precisava ficar**.

Ficar e observar cada detalhe que antes eu havia ignorado. Cada expressão dela. Cada silêncio dele. Cada gesto que, à época, passou despercebido... mas agora doía.

Na tarde seguinte à da chuva, eu o vi hesitar diante da lanchonete. Ela estava lá dentro, tomando café sozinha, desenhando distraída num guardanapo.

Ele a viu. Parou. Pensou em entrar. Mas o medo travou seus passos.

— "Não faz isso de novo..." — murmurei, como se minha voz pudesse atravessar o tempo.

Mas ele recuou.

Ela olhou para a porta, como se sentisse algo. E não havia ninguém.

Ninguém, além de mim.

Ao cair da noite, sentei-me num banco do campus, os olhos fixos no céu em tons de púrpura. O mundo parecia suspenso, como se o tempo não estivesse correndo. Como se eu tivesse sido arrancado da linha da vida e colocado num teatro de lembranças, assistindo à versão mais cruel da minha história: **a que eu deixei passar.**

Foi então que senti algo diferente. Uma presença. Uma mudança no ar.

Uma menina passou correndo, tropeçando nos próprios pés, o riso escapando como música.

Ela.

Ela passou por mim.

Por um instante, **nossos olhos se cruzaram.**

E foi aí que meu coração parou.

Ela me viu?

Ela **me viu**.

Sua expressão mudou, como se me reconhecesse de algum lugar que não sabia nomear. Como se, por um segundo, o tempo tivesse rachado — e ela tivesse vislumbrado o homem que chorou pela ausência dela anos depois.

Mas então ela sorriu gentilmente e seguiu, desaparecendo entre os prédios.

Aquilo me abalou.

Levantei-me trêmulo, o vento balançando as árvores como suspiros antigos. Eu ainda não sabia o que estava acontecendo — se era um sonho, uma lembrança, ou algum lugar entre o real e o irreal. Só sabia que **ela me olhou**.

E pela primeira vez desde que tudo começou...
...eu senti que **eu ainda podia fazer alguma coisa**.

Ainda que fosse só acompanhar. Só proteger. Só guiar, mesmo à distância.

Mesmo invisível.

Talvez essa fosse minha missão.

Talvez essa fosse a chance que o universo me deu — **não para mudar os fatos, mas para mudar a forma como eu os vivia.**

Não sabia se era um milagre, um castigo ou algum delírio da mente prestes a quebrar. Tudo o que eu sabia era que **eu precisava ficar.**

E quem sabe, mudando isso...
...eu conseguisse, enfim, **me perdoar.**

Ficar e observar.
Ficar e sentir.
Ficar e lembrar de tudo o que joguei fora.

Naquela manhã, ele estava sentado nos degraus do pavilhão de História, ouvindo música com os olhos fechados, enquanto o mundo girava ao redor sem saber o quanto o tempo

era curto. A playlist, eu sabia de cor. Ainda escuto às vezes, como um castigo: as mesmas músicas que ela dizia que “cheiravam a nós dois”.

Ele não fazia ideia de que estava prestes a conhecer o grande amor da vida dele. Nem que também seria o maior erro.

Horas depois, ele a viu outra vez. A segunda. A definitiva.

Ela estava sentada sob uma árvore com um caderno no colo, as pernas cruzadas e os fones de ouvido presos entre os cabelos. Estava desenhando — ela sempre desenhava quando queria se esconder do mundo.

Eu me aproximei com cuidado. Fiquei parado ali, como se quebrar o silêncio pudesse desfazer a cena.

A brisa balançava levemente os fios do cabelo dela, que vez ou outra ela prendia atrás da orelha com um gesto tão delicado que doía em mim. Era isso que eu tinha perdido: **os pequenos gestos.**

— "Vai lá", eu sussurrei para o garoto que fui. Mas ele não ouviu. Ele passou, fingindo não notar. Fingindo não sentir.

Porque o medo ainda era maior do que a coragem.

À noite, choveu outra vez. Uma garoa fina, constante, como se o céu estivesse lavando as mágoas do dia.

Eu me via caminhando com os fones nos ouvidos, distraído, até que vi alguém tentando proteger os livros com o casaco. Era ela.

A capa da mochila ensopada, os tênis sujos d'água, mas o sorriso ainda estava lá — como se a vida, mesmo encharcada, valesse a pena.

Ele hesitou. Eu me aproximei, implorando em silêncio.

— "Dessa vez, não deixa passar..." — falei. E ele foi.

Ofereceu o guarda-chuva. Ela sorriu. Aquele sorriso. O mesmo que eu sonharia por anos.

— "Divide comigo?"
— "Claro", ele respondeu, a voz quase não saindo.

Os dois caminharam juntos por algumas quadras. Conversaram pouco. Riram do absurdo da situação. Quando chegaram na esquina da rua dela, ele ficou parado, sem saber o que fazer.

— "Vai me deixar aqui? Ou vai me acompanhar até a porta?"

Ele corou. Ela riu.
Eu quase chorei.

Ela o puxou pelo braço e caminharam até o portão.

Foi ali, debaixo da varanda, que ela olhou pra ele por um instante mais demorado. Um silêncio se instalou entre os dois.

— "Boa noite."
— "Boa noite."
— "Obrigada por hoje."
— "Eu que agradeço."

Foi simples. Foi pequeno.
Mas foi o começo de tudo.

Passsei o resto da noite vagando pelo campus. As luzes amareladas dos postes lançavam sombras longas e silenciosas. Era como andar por dentro de um sonho que ainda não queria acordar.

Me sentei no banco onde, anos depois, ela me diria que se sentia sozinha — mesmo ao meu lado.

E me perguntei:

O que eu faria se pudesse mesmo mudar alguma coisa?

E mais...

Será que eu merecia essa chance?

Olhei para o céu, mas ele não respondeu.

No dia seguinte, fui à biblioteca. Sabia que ela estaria lá. Era como seguir um roteiro que já conhecia, mas com a esperança de que o final, dessa vez, fosse diferente.

Ela estava na mesma mesa, os mesmos livros, a mesma caneta na mão.

Foi então que me vi entrando, nervoso. Vi que tentava fingir que procurava algo. Eu quase ri — ainda tão desajeitado com os próprios sentimentos.

— "De novo você?", ela disse, com aquele tom que misturava surpresa e provocação. Ele gaguejou algo. Ela riu. Estava confortável. Estava aberta.

E naquele momento, ao vê-los interagindo, algo mudou dentro de mim. Eu não era mais apenas um espectador. Estava sentindo tudo.

Como se o amor estivesse tentando me alcançar através do tempo.

Ao sair da biblioteca, parei diante de uma janela escura. Meu reflexo me encarava de volta. Olhos fundos, barba por fazer, a culpa ainda escorrendo dos poros.

Mas atrás de mim... algo diferente.

Ela.

Ela havia parado. Estava me olhando.
De novo.

Dessa vez, não havia como negar.
Ela estava vendo **alguma coisa**.

Franziu o cenho, como se reconhecesse um cheiro antigo,
uma música esquecida, uma lembrança que ainda não existia.

Dei um passo. Ela recuou levemente.
Mas antes de seguir, ela sorriu.
E sussurrou:
— “Você parece triste.”

Eu congelei.

Ela não sabia quem eu era.
Mas ela **sentia**.

Como quem pensara em algo profundo...

Voltei à cabana naquela noite. Não porque ela existisse ali
— mas porque dentro da minha mente, era onde eu me escondia.

Sentei-me diante do espelho quebrado e me encarei por
longos minutos.

Eu não sabia mais onde estava.
Ou **quem** estava.

Mas algo dentro de mim dizia:
Tudo isso tem um propósito.

E talvez...
...talvez eu esteja aqui para consertar não a história, mas o
homem que eu fui.

Capítulo 2 – O Que Os Olhos Não Dizem

Os dias começaram a passar de forma estranha.

Não havia tempo exato ali. Nem noite nem manhã. Só aquela sensação constante de que algo estava suspenso no ar — como se o universo me desse mais uma chance de observar tudo que eu não quis ver quando era hora.

A biblioteca virou um ponto de encontro. Meu eu jovem e ela se esbarravam ali com frequência agora. Às vezes ele levava um café. Às vezes ela sorria antes de virar a página. As conversas ainda eram curtas, mas cheias de silêncios que diziam mais que as palavras.

Eu assistia tudo de longe. Às vezes atrás de uma estante. Às vezes sentado em uma mesa vazia. Ninguém me via.

Exceto ela.

De vez em quando, ela **parecia** me ver.

Num fim de tarde, a luz dourada invadia as janelas da biblioteca. Meu eu jovem estava sentado com ela, rindo de alguma piada boba. Era o tipo de cena que eu revia mil vezes na mente, mas que agora ganhava cheiro, som, cor.

Eu me movi devagar, passando por entre as fileiras de livros. E quando cheguei perto, ela levantou os olhos — **diretamente para mim.**

Seus olhos se fixaram por um segundo a mais do que seria normal. E o sorriso desapareceu. Ela franziu o cenho, como se lutasse para lembrar de algo.

— “Tá tudo bem?” meu eu mais jovem perguntou, ao notar o desconforto dela.

— “Sim... é que...” — ela desviou o olhar — “achei que tinha visto alguém.”

Ele riu.
— “Alguém conhecido?”

— “Talvez... não sei. Estranho, né?”

Não.
Não era estranho.
Era **inevitável.**

Mais tarde, naquele mesmo dia, eles caminharam juntos até a saída do campus. Eu os segui de longe, me escondendo entre sombras e árvores que conhecia de cor.

Ela falava sobre livros. Ele ouvia, tentando disfarçar o quanto estava encantado. E eu... caminhava como uma alma penada, tentando não interferir.

— “Você acredita que as pessoas se encontram mais de uma vez na vida?” ela perguntou, parando sob um poste.

— “Como assim?”

— “Que às vezes a gente se perde de alguém, mas o universo dá um jeito de cruzar os caminhos de novo.”

Ele pensou.
Eu já sabia a resposta que ele daria.
A resposta que **eu** dei.

— “Acho que algumas pessoas... são como um cometa. Passam rápido, brilham, mas só vêm uma vez.”

Ela o olhou com uma tristeza leve no fundo dos olhos.
— “Eu acho que algumas voltam. Mesmo que a gente não saiba o nome disso.”

Naquela noite, sonhei com ela.

Mas não era o passado.
Era algo novo.

Estávamos no mesmo banco da universidade, mas ela estava mais velha. Mais madura. Como se tivesse envelhecido comigo.

Ela me olhava com ternura, mas havia dor também.

— “Você se lembra de mim?” ela perguntou.

— “Eu nunca te esqueci.”

Ela sorriu, e lágrimas escorriam pelo rosto dela.

— “Você demorou tanto pra me ver.”

Acordei em sobressalto. A cabana estava em silêncio.
Mas minha alma gritava.

No dia seguinte, aconteceu algo que eu não esperava.

Notei que eu estava com ela na sala de estudos. Ela tentava entender uma equação complicada, ele explicava do jeito mais engraçado possível.

E, de repente, ela olhou por cima do ombro dele.
Olhou para mim.
Com certeza agora.

— “Quem é ele?” ela perguntou.
— “Quem?”
— “Aquele homem ali. Parado. De terno escuro.”

Meu eu jovem olhou, confuso.
Não viu nada.
Porque **só ela conseguia me ver.**

Ele riu, tentando disfarçar o incômodo.

— “Você tá vendo fantasma agora?”
— “Talvez...” — ela disse, e olhou de novo. Mas eu já havia sumido por trás da estante.

Me escondi no banheiro. Encarei meu reflexo.
— “Você não devia estar aqui...” — murmurei.

Mas eu **estava**.

E ela estava começando a se lembrar.
A me reconhecer.
De um jeito que nem eu entendia.

Foi então que ela passou a escrever no diário dela. Eu ainda lembrava da capa vermelha com flores bordadas.
Me aproximei, curioso.
Ela escrevia de cabeça baixa, com a mesma caligrafia suave da carta que um dia deixaria pra mim.

"Sinto como se tivesse alguém me olhando. Mas não com maldade. Com tristeza. Como se ele soubesse coisas que eu ainda não vivi. Como se estivesse tentando me avisar de algo, me proteger. Mas por que me sinto tão... próxima dele?"

Fechei os olhos.
Aquele era o começo.
Da verdade.
Do fim.
Do ciclo que talvez... eu tivesse sido enviado para quebrar.

Ela fechou o diário devagar, como se guardasse um segredo entre as páginas. Ficou um tempo olhando o vazio à frente, os dedos repousando sobre a capa vermelha. E então falou, em voz baixa, quase como se confessasse a si mesma:

— “Eu tive um sonho estranho essa noite...”

Meu eu jovem, sentado ao lado dela, se virou com curiosidade.

— “Sobre o quê?”

Ela hesitou por alguns segundos.
— “Com você... só que... não era você. Ou era. Eu não sei.”
Olhou nos olhos dele com uma intensidade que o fez desviar o olhar.

— “Era como se fosse você, só que mais velho. Seus olhos eram os mesmos, mas estavam cansados, tristes... ele parecia estar pedindo perdão por alguma coisa.”

Meu coração parou.

Ela continuou:
— “Ele me olhava com tanto arrependimento. Como se tivesse deixado passar algo importante... como se quisesse voltar no tempo pra consertar tudo.”

— “E o que ele dizia?” — meu eu jovem perguntou, tentando soar despreocupado.

Ela olhou para o céu pela janela, onde nuvens carregadas começavam a se formar.

— “Ele não dizia nada. Mas eu sentia. Ele estava tentando me alcançar. Como se tivesse perdido alguma chance... e agora fosse tarde demais.”

Meu eu jovem engoliu seco.
E eu, do outro lado daquela lembrança viva, senti como se meu coração estivesse sendo arrancado do peito.

— “Talvez tenha sido só um sonho...” ele disse, sem saber o peso de suas próprias palavras.

— “Talvez...” — ela sorriu de canto — “mas, no sonho... eu o perdoava. Mesmo sem entender tudo. Porque eu sentia que, lá no fundo, ele me amava. Só não sabia como mostrar.”

Aquelas palavras quebraram algo dentro de mim. Era como se o tempo tivesse dado um nó. Como se o amor dela estivesse atravessando o tempo para alcançar o arrependimento que me destruía.

Ela colocou a mão sobre o peito, como se tentasse acalmar um coração que batia forte demais.

— “Eu só... queria que ele tivesse ficado. Quando mais precisei.”

Ela virou o rosto para a janela, onde os primeiros pingos de chuva começavam a bater no vidro.

— “Mas ele foi embora. Antes mesmo de eu partir.”

Percebi quando eu olhava para ela com um misto de confusão e temor.

— “Você acha que esse sonho quer dizer algo?”

Ela olhou diretamente para ele.
— “Acho que às vezes... o coração sente o que a mente ainda não entende.”

Silêncio.

A chuva engrossava lá fora. E eu sentia, em cada gota que tocava o vidro, o eco do que viria.

O passado estava começando a se lembrar do futuro. E ela... ela estava começando a me ver. Não com os olhos, mas com a alma.

E mesmo que meu eu jovem ainda não entendesse... era como se ela já sabia.

Capítulo 3 – Os Primeiros Silêncios

O tempo parecia correr mais rápido nos dias que se seguiram.

Cada risada entre os dois soava mais alta, cada toque de mãos mais carregado de intenção, cada olhar trocado parecia um fio puxado de um tecido frágil prestes a se romper.

Eles estavam apaixonados. Intensamente. Mas amor, quando nasce em um terreno inseguro, pode florescer entre espinhos.

— "Você anda distante..." — ela disse certa vez, enquanto caminhavam pela praça da universidade, folhas secas dançando ao redor.

— "Impressão sua." — ele respondeu, com o celular na mão, tentando esconder o incômodo.

Ela parou de andar.
— "Olha pra mim quando fala."

Ele ergueu os olhos.
Ela estava ali. Presente. Entregue.
E ele... dividido.

Eu me lembro daquele momento como se fosse agora. Na memória viva em que eu caminhava como um fantasma entre as sombras do que fomos, aquela foi uma das primeiras fissuras. Pequena. Mas fatal.

“Você não percebe, mas cada vez que me ignora, um pedaço meu vai embora.”

Ela não disse isso em voz alta. Mas o silêncio dela gritou. E meu eu jovem não soube escutar.

Ele tentou mudar de assunto. Fez uma piada sem graça. Ela forçou um sorriso. E continuaram andando. Mas algo dentro dela já havia ficado para trás.

Naquela noite, ela escreveu no diário:

"Ele ainda me olha como se me visse. Mas por dentro, parece estar longe. Será que estou ficando invisível para ele? O que se passa dentro dele, que ele me esconde e não quer me falar?"

Ler aquelas palavras foi como levar um soco. Eu me lembrava do que vinha depois. Eu lembrava das escolhas que fiz. Das desculpas. Das ausências que viriam com mais frequência. Das promessas que não cumpri.

Notei que eu começava a se perder em si mesmo. Medos, Traumas, Obrigações — tudo pesando como medalhas em um pescoço que mal aguentava carregar o próprio coração.

Até que uma noite, em um dia qualquer, entre as vozes do vazio...

Ela ligou.
E ele... não atendeu.

Na lembrança, eu estava ali. Ao lado dele. Quase o tocando.

— "Atende, idiota. Atende..." — eu sussurrava, sabendo o que aquele toque ignorado significava.

Mas ele deixou o celular cair no bolso, enquanto chorava com lágrimas do passado.

E foi nesse momento que senti.
Senti ela do outro lado da linha.
Senti as lágrimas dele caindo no travesseiro.
Senti o desespero de alguém que está se afogando em silêncio —
e ninguém percebe.

Ela não ligaria mais depois daquela noite.

E eu, que achava estar revivendo o passado para consertar
tudo, percebi o quão impotente era.
Porque, mesmo estando ali, mesmo podendo ver, ouvir, gritar...
Eu não podia mudar nada.

Ainda.

Mas o amor dela... ah, ele era mais forte que o tempo.

Na manhã seguinte, ela apareceu na faculdade e ele com
os olhos vermelhos e o sorriso cansado.
Disse que estava tudo bem. Disse que era só a alergia da
primavera.

Ela acreditou.

E eu chorei, lembrando essa cena, que havia sido esquecida pelo meu passado.

Havia coisas que ela nunca soube. Coisas que ele nunca teve coragem de contar.

Como a dor de ter visto o pai morrer — e junto com ele, a infância acabar.

O velório foi silencioso. Poucos amigos. Nenhuma despedida dita em voz alta. Só o choro baixo da mãe, sentada ao lado do caixão, com os olhos perdidos em um ponto qualquer do vazio.

E naquele dia, algo dentro dele também foi enterrado.

A mãe nunca mais foi a mesma. Ele também não.

Não comia direito. Dormia pouco. Chorava à noite.

E foi aí que começou: o peso. O fardo de ser o homem da casa, quando ainda aprendia a cuidar de si. Aprendeu a resolver problemas sem ninguém perguntar como ele

estava.

Engoliu o luto.

Mas a saudade do pai o perseguia como sombra. Saudade da risada, do cheiro do perfume, do soar da sua voz, das broncas ditas com afeto. E, mais que isso, da presença — de alguém que o fazia sentir que o mundo era menos pesado do que parecia.

No fundo, ele estava perdido. Revoltado com a vida, com o tempo que não volta. Mas nunca contou nada disso para ela.

Ela acreditava que ele era apenas quieto. Reservado. Um pouco frio, talvez.

Mas o que ele era — de verdade — era um campo de batalha.

Em uma tarde fria, ela o encontrou sentado no banco da praça, mãos nos bolsos, olhar perdido no chão coberto de folhas secas.

— “Tá tudo bem?” — ela perguntou com ternura.

Ele forçou um sorriso.

— “Tá sim... só cansado.”

Ela se sentou ao lado, como fazia sempre. Encostou a cabeça no ombro dele, tentando ser abrigo.

— “Você sabe que pode me contar qualquer coisa, né?”

Ele hesitou.
Era a deixa perfeita.
Mas as palavras não vieram.

Como contar que o pai morreu e que ele teve que crescer
do dia para a noite?
Como explicar que todo gesto frio era, na verdade, medo?
Medo de perder.
Medo de se apegar.
Medo de amar e ser abandonado.

Então ele ficou em silêncio.

E ela, mesmo sem entender, ficou ali com ele.

Ela não sabia, mas ele estava implodindo por dentro.

Ele queria que ela soubesse.
Mas não sabia como mostrar.

Naquela noite, ele sonhou com o pai.
Ele o via do outro lado da rua, acenando, como se ainda estivesse vivo.

Mas cada vez que tentava se aproximar, a rua aumentava. O pai se afastava.
E no fim, tudo que ouvia era:
— “Cuida da sua mãe... e não estraga o amor que você encontrou.”

Acordou com os olhos ardendo.
Pegou o celular. Pensou em ligar para ela.
Mas não ligou.

Porque amar também era um fardo.
E ele, mesmo querendo segurá-la, ainda estava aprendendo a
segurar a si mesmo.

Capítulo 4 – Coisas que não se dizem

A biblioteca era o lugar onde tudo parecia mais quieto. Mas aquela tarde trazia outro tipo de silêncio. Um que pesava no peito.

Ela estava ali novamente, sozinha numa das mesas perto da janela. A luz atravessava os vitrais coloridos, pintando seu rosto com tons quentes. Parecia alheia ao tempo — como se pertencesse mais ao instante do que ao mundo.

Ele entrou com passos hesitantes, os livros apertados contra o peito. Ele a viu. E hesitou.

Enquanto eu, de fora — observava tudo da seção de literatura, entre duas estantes cobertas de poeira e lembranças. Estava invisível ali, feito fantasma dos próprios erros.

O garoto respirou fundo e se aproximou.

Ela ergueu os olhos e sorriu.

— "Achei que não ia mais te ver aqui" — disse ela, com a voz baixa, mas firme.

— "Você vem sempre a esse horário?"

— "Sempre que eu preciso pensar."

Ela fechou o livro e o empurrou de lado, como se quisesse abrir espaço para uma conversa que, até então, nunca tinham tido de verdade.

— "Pensar em quê?" — ele perguntou.

Ela deu de ombros, olhando pela janela, como se o que quisesse dizer estivesse muito longe dali.

— "Na vida. Nas pessoas. No tempo que a gente perde com medo de dizer o que sente."

O garoto ficou em silêncio. As palavras o cortaram de uma forma que ela não perceberia — não ainda. Mas eu, mesmo só observando pude sentir. **Porque já sabia exatamente quanto tempo se perde com silêncio.**

Ela o olhou de novo, com olhos cheios de presença.

— "Posso te contar uma coisa?" — perguntou.

Ele assentiu.

— "Às vezes eu sinto que tô tentando alcançar alguém que não quer ser alcançado. Como se estivesse batendo numa porta que nunca se abre."

— "Você... sente isso comigo?" — ele perguntou, quase num sussurro.

Ela sorriu, mas não respondeu.

Foi um daqueles sorrisos tristes que tentam esconder uma verdade.

E naquele sorriso havia algo de despedida. Mesmo que eles ainda estivessem no começo.

O homem mais velho fechou os olhos por um instante. Lembrou de como ignorou aquele aviso. De como se calou quando deveria ter lutado.

O garoto tentou mudar o assunto, mas tropeçou nas próprias inseguranças.

— "Você lê muito?"

Ela riu, e respondeu com leveza:

— "Leio o suficiente pra me perder de mim mesma... e pra tentar entender os outros."

Ele sorriu também. Quis tocá-la, dizer algo mais. Mas havia um muro invisível entre eles — feito de dores que ele ainda não sabia como nomear.

Dores que nem ela sabia que ele carregava.

A morte do pai, o peso nos ombros ainda tão jovem, a mãe desmoronando dia após dia... Ele aprendera a sorrir sem sentir. A calar tudo. A engolir o mundo e parecer inteiro por fora.

Mas ela... ela via além.
Mesmo sem saber de nada, parecia ver.

— "Eu gosto do silêncio entre a gente" — ela disse, como se escutasse algo dentro dele.

— "Não é um silêncio vazio. É como se você dissesse coisas sem usar palavras."

O garoto a olhou, confuso.

— "E o que você acha que eu tô dizendo agora?"

Ela olhou para ele demoradamente, e então respondeu:

— "Que você quer ser encontrado, mas ainda tem medo."

O tempo parou.

Ele engoliu seco, desviando os olhos.

Respirei fundo, enquanto os olhava.

Aquela frase ficou com ele por anos.

Na verdade, nunca saiu.

Quando ela se levantou, ajeitou o caderno no colo e disse:

— "Até amanhã?"

— "Até."

Ela se afastou, deixando para trás o perfume leve e uma ausência precoce.

Enquanto eu olhava, permaneci imóvel, sentindo que a memória — ou o que quer que fosse aquilo — doía mais viva do que quando foi real.

Não era só o passado.
Era o retrato daquilo que ele nunca soube viver do jeito certo.

E agora, tudo o que podia fazer...
Era **sentir**.

Ela sumiu pelos corredores da biblioteca como quem leva a luz de um lugar.

O garoto permaneceu ali, parado por alguns segundos, como se ainda escutasse os passos dela se afastando. Queria dizer algo. Qualquer coisa. Mas, mais uma vez, não disse.

Eu observava da distância, entre estantes de madeira desgastadas pelo tempo — um túmulo de livros e memórias esquecidas.

Sabia que aquele momento, pequeno e aparentemente insignificante, seria um dos mais importantes da vida deles. Sabia que era ali, naquele silêncio cheio de significado, que o amor começava a criar raízes.

E que ele, o garoto, ainda não sabia regar.

Mais tarde, já no alojamento, ele encarava o teto, sem sono.

Pensando nela.
No sorriso. No jeito como ela o olhava, como se visse algo que
nem ele sabia que existia.
Pensava nas palavras dela.
"Você quer ser encontrado, mas ainda tem medo."

O que ela veria se o encontrasse de verdade?

Ele fechou os olhos e viu o rosto do pai.
O riso fácil...
Lembrou do dia do acidente. Do barulho do telefone tocando.
Da mãe caída no chão da cozinha, os olhos perdidos no vazio.
E dele, ajoelhado no corredor, sem conseguir chorar.

Porque alguém precisava ficar de pé.

A partir daquele dia, ele não teve mais tempo pra sentir.
Apenas para suportar.

Enquanto o via, me encostei a uma parede e senti suas
lágrimas querendo vir, mas sem deixar ceder.
Mesmo com os anos, mesmo com a dor, ainda se protegia de si
mesmo.

Era como se ver num espelho trincado — onde as partes mais sensíveis estavam sempre escondidas sob os reflexos tortos.

Na manhã seguinte, o garoto caminhava pelos jardins do campus com os fones desligados, só para fingir que não escutava o mundo. E então a viu, sentada sob uma árvore, com um livro aberto e os pés descalços na grama.

Ela olhou para cima e sorriu ao vê-lo.

— "Você parece alguém que pensa demais" — disse ela, marcando a página com uma folha seca.

— "E você parece alguém que já se acostumou com isso."

Ela riu, e aquele som o atravessou por dentro. Era leve. Verdadeiro. Do tipo que ele não ouvia há anos.

— "Senta aqui comigo" — ela disse, abrindo espaço no cobertor xadrez.

Ele sentou, com um cuidado bobo, como se temesse quebrar algo que não via.

— "Você acredita em coincidências?" — ela perguntou, virando o rosto para ele.

— "Acho que não mais."

— "E se tudo isso já estivesse escrito? Desde o começo?"

Ela mordeu os lábios, pensativa.

— "Como se a gente tivesse sido puxado por algo maior, mesmo sem saber..."

Ele a olhou, com o coração disparando. Quis dizer que sim. Que desde que a viu pela primeira vez, algo dentro dele sussurrava que ela era diferente. Que ela era abrigo.

Mas, como sempre, se calou.

Observando à distância, eu sabia: aquilo era o início do que poderia ter sido eterno. E ainda assim, **ele iria estragar tudo**, pouco a pouco. Com a pressa. Com o medo. Com a fuga.

Mas, por enquanto, havia paz. Havia um fio invisível entre eles — tenso, delicado, pulsando.

E era nesse fio que o tempo dançava.

O vento soprou entre as árvores, espalhando folhas secas
ao redor deles.

Ela encostou a cabeça no ombro dele, como se já soubesse que
aquele momento seria breve.

E ele, por um instante, esqueceu de todos os pesos.

Ali, naquela grama úmida, sob o céu quase dourado,
ele **pertencia a algum lugar.**

Mesmo sem entender.
Mesmo sem merecer.

Capítulo 5 – Como se o mundo parasse

Era como se o tempo tivesse respirado fundo. O dia seguinte amanheceu com uma luz diferente — uma brisa morna, um céu sem pressa. Nada gritava, nadaurgia. Era um daqueles dias raros em que o mundo parecia gentil.

Ele a encontrou no jardim do lado leste da universidade, perto do lago que refletia o céu como um espelho líquido. Ela estava deitada na grama, os olhos fechados, os braços estendidos ao lado do corpo.

— “Você sempre dorme assim?” — ele perguntou, parando próximo.

— “Não. Só quando quero esquecer o que é real.”

— “E o que é real pra você?”

Ela abriu os olhos devagar. — “O que faz o coração acelerar e o corpo se esquecer da lógica.”

Ele se deitou ao lado dela, sem pensar. Ficaram em silêncio por longos minutos.

O som do vento, o farfalhar das árvores, as gargalhadas distantes de outros alunos — tudo parecia muito longe.

Ela virou o rosto devagar e olhou para ele.
— “Sabe quando parece que você conhece alguém há muito tempo, mesmo tendo acabado de conhecer?”

Ele assentiu, com um nó na garganta.
Porque sim. Ele sabia. Sabia mais do que ela podia imaginar.

— “Sinto que... a gente se conhece de antes do antes.”
Ela
sorriu.
— “É loucura?”

— “É verdade,” ele respondeu, num sussurro.

E então, ela o beijou.
Sem pressa. Sem medo.
Como quem reconhece a própria casa depois de muito tempo longe.
Foi um beijo que não começou nos lábios — começou no peito.
Na alma.

O mundo se calou.

E, por um instante, ele não era mais o garoto perdido que fingia ser forte. Era apenas ele. Inteiro. Real. E ela o acolhia ali, exatamente assim.

Passaram horas juntos naquele dia. Caminharam descalços pela borda do lago, ela molhou os pés e o puxou pela mão, rindo. Ele a girou no ar, e ela caiu no gramado, ofegante, com os olhos brilhando.

— “Promete que não vai fugir de mim?” — ela perguntou, séria de repente.

Ele hesitou, porque queria prometer. Porque temia o que viria. — “Eu não sei prometer,” ele disse.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, encostou a testa na dele.

— “Tudo bem. Eu espero você aprender.”

— E foi nesse instante, tão simples e tão imenso, que eu estando à distância, precisei me afastar. —
A cena diante doía como o toque de uma lembrança que nunca deixou de arder.

— Eu queria gritar.
Queria correr até lá, abraçar os dois, dizer:
"Vocês têm pouco tempo. Aproveitem. Valorizem. Não deixem o medo vencer."

Mas eu não podia interferir.
Porque ainda não era real.
Ainda era só a sombra de uma memória.

E mesmo assim, ainda podia chorar.
Porque ver o amor nascer de novo — sabendo o final — é como assistir à mesma tragédia pela segunda vez:
dói mais.
Porque dessa vez, você entende cada sinal. —

Naquele dia, eles se amaram com os olhos, com as mãos, com os risos partilhados ao pôr do sol.
E o mundo, como se tivesse consciência da beleza, **se calou para assistir.**

Capítulo 6 – O silêncio entre as palavras

A noite havia chegado como um véu de veludo escuro, salpicado por estrelas. Eles caminhavam em silêncio por uma trilha entre árvores baixas. O vento balançava os galhos suavemente, como se até ele os observasse com cuidado.

Ela estava com os cabelos soltos, e de tempos em tempos, o olhava de lado. Havia algo nele que havia mudado. Estava mais calado. Mais preso dentro de si.

— “Tá tudo bem?” — ela perguntou, parando de andar.

Ele hesitou, olhando para os próprios pés. — “Tá.”

Ela arqueou uma sobrancelha.

— “Você sempre diz isso quando não tá.”

Ele forçou um sorriso. Mas ela não sorriu de volta.

— “Quando você some dentro de si, eu me sinto do lado de fora... olhando pela janela.”

As palavras dela acertaram fundo.
Mas ele não soube o que dizer.
Porque não era com ela.
Era com ele mesmo.

Por dentro, um peso antigo pulsava.

Ele quis contar.
Quis abrir a alma ali mesmo, no meio da floresta e das estrelas.

Mas não conseguiu.

— “Desculpa,” ele murmurou.

Ela se aproximou, tocou o rosto dele com as duas mãos.

— “Eu não quero que você seja perfeito. Só quero que você não fuja.”

Ele fechou os olhos.

— “Às vezes eu só... me perco de mim.”

Ela o abraçou.
Com força.
Com fé.
Como se dissesse: “Então eu te espero voltar.”

— Eu só os observava.
De longe.
De alma em pedaços. —

Ver o próprio reflexo fugindo da mulher que ele amava era como ser atingido duas vezes pela mesma dor.

Ele murmurou para si:
— “Ela viu. Mesmo quando eu tentei esconder.”
E isso o devastava.

Porque naquela época, ele não soube reconhecer o valor de quem fica mesmo quando você não está inteiro.

Mais tarde, naquela mesma noite, ele a levou até o jardim da estufa abandonada atrás da universidade. Um lugar que ninguém frequentava mais, exceto eles.

Ele acendeu pequenas luzes que havia comprado horas antes — lanternas de papel penduradas nos galhos secos. Ela sorriu, encantada.

— “Você fez isso?”

Ele assentiu.

— “Não sei como me explicar às vezes. Então faço essas coisas.”

Ela se aproximou devagar.

— “Eu entendo. Nem tudo que é amor sabe se explicar.”

E então ela dançou.
No meio das luzes.
Sozinha.
Leve.
Girando.

Ele a observava como quem assiste ao milagre da vida
pela primeira vez.
E pela primeira vez, desde que tudo começou, eu desejei que o
tempo parasse ali.
Naquele instante.

Mas no fundo... eu sabia.
Sabia que tudo aquilo era uma lembrança.

Mesmo assim, desejei que fosse real.

E ela, entre risos e giros, parou diante dele, do eu mais
jovem, ofegante.

— “Por que você me olha assim?”

Ele hesitou.

Ela aproximou-se e colocou as mãos nos bolsos da jaqueta
dele, como quem quer ancorar alguém que está partindo por
dentro.

— “Eu não quero que você seja perfeito. Só quero que
você seja de verdade.”

Ele a olhou. Por um instante, pensou em contar tudo.
Mas engoliu as palavras.

Não era o momento.
Ele ainda não sabia como ser vulnerável.

Ela percebeu o silêncio, mas não insistiu.

Em vez disso, o abraçou.

Um abraço longo.
Quente.
Acolhedor.
Do tipo que tenta reconstruir alguém por dentro, pedaço por pedaço.

Ela encostou a testa na dele e sussurrou:

— “Se um dia você se perder de novo... promete voltar pra mim?”

Ele fechou os olhos.
Engoliu a vontade de dizer: *eu não sei se eu voltei de verdade algum dia.*

Mas disse apenas:

— “Prometo.”

Capítulo 7 – Como se fosse casa

O cheiro de comida caseira tomava conta do quintal. Era fim de tarde. O céu tingido de tons dourados escorria pelas folhas das árvores, e as vozes misturadas dos tios, primos e vizinhos ecoavam como uma lembrança da infância.

Ela caminhava ao lado dele, de mãos dadas, observando tudo com aquele olhar curioso que ele tanto admirava.

— “É aqui que você cresceu?” — ela perguntou, sorrindo.

— “Mais ou menos. A maior parte da infância, sim. Depois que meu pai... bom, algumas coisas mudaram.”

Ele não terminou a frase. Mas ela respeitou o silêncio dele, como sempre fazia.

Os dois passaram pelo portão antigo da casa. Algumas ripas de madeira rangiam, e havia flores recém-plantadas no jardim — margaridas, as preferidas da mãe.

A família estava reunida no quintal dos fundos, em volta da churrasqueira. O riso alto de um tio atravessava o espaço, misturando-se com o chiado da carne na brasa e o estalo da lenha.

Quando ele entrou com ela, todos olharam.

— “Essa é...?” — perguntou uma tia, com um sorriso curioso.

Ele assentiu, um tanto envergonhado.

— “Essa é ela.”

Ela riu, apertando a mão dele, como quem dissesse: *calma, eu tô aqui.*

Logo estava cercada por perguntas, elogios, abraços exagerados.

Ela, com sua gentileza natural, respondia com doçura, sem deixar transparecer o leve nervosismo.

Ele ficou um pouco afastado, observando.

Nunca tinha levado ninguém ali. Nunca apresentou a ninguém aquele pedaço do seu mundo. Mas ela... era diferente.

Depois de um tempo, ele a levou até o interior da casa.

Os móveis antigos, o cheiro de madeira e lavanda, os porta-retratos sobre a estante... tudo ali parecia preso no tempo.

E no centro da sala, sentada em uma poltrona encostada perto da janela, estava ela: a mãe.

Os olhos apagados, perdidos.
O rosto cansado, envelhecido não pelos anos, mas pela ausência.

Desde que o pai se fora, ela se fechara dentro do quarto —
e dentro de si.
Só saía em raros momentos como aquele, quando a família insistia o suficiente.

Ele se aproximou, abaixando-se ao lado dela.

— “Mãe...” — disse, suavemente — “Quero que conheça alguém.”

A mulher virou lentamente o rosto. Os olhos demoraram a focar.
E então pousaram nela.

Ela, com o coração acelerado, estendeu a mão:

— “É um prazer imenso poder conhecê-la.”

A mãe apenas observou por alguns segundos.
Não disse nada.

Mas houve algo naquele olhar — talvez um reconhecimento.

Uma centelha que há tempos não acendia.

— “Você tem mãos quentes,” — murmurou, quase num sussurro — “parece que já cuidou de flores.”

Ela sorriu, surpresa.
— “Gosto de plantas, na verdade. Sempre achei que conversar com elas ajuda.”

A mãe não respondeu mais, mas seus olhos ficaram ali, fixos nela.
Como se soubesse, de alguma forma, que aquela menina era importante.
Como se visse nela algo que nem o próprio filho sabia explicar.

Ele engoliu o nó na garganta e ficou observando as duas por um tempo, em silêncio.

Depois, saíram da casa e voltaram para o quintal.

A festa seguia com risos e músicas antigas no fundo.
Mas para ele, o mundo estava suspenso naquele instante.

Ali, com ela sentada ao seu lado, os pés descalços na grama, os dedos entrelaçados...
pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu paz.

Como se, de alguma forma, estivesse se reconstruindo.

Não por palavras.
Mas por presença.

Ela encostou a cabeça no ombro dele e sussurrou:

— “Sua mãe é doce. Triste... mas doce.”

Ele não respondeu de imediato.
Só fechou os olhos e deixou o vento soprar a dor pra longe.

E então, como quem percebe algo pela primeira vez, disse:

— “Obrigado por ter vindo.”

Ela apertou a mão dele e sorriu:

— “Tô aqui. E não vou embora.”

A festa continuava animada no quintal, mas ele já não ouvia mais as risadas nem sentia o cheiro da carne assando na brasa. O mundo estava abafado dentro do peito — como se algo ali, naquela noite, precisasse sair.

Ele olhou para ela. Seu sorriso leve. A forma como observava cada canto, como se estivesse decorando o cenário de um lugar que queria guardar. Como se também quisesse pertencer.

— “Quero te mostrar uma coisa.”

Ela arqueou uma sobrancelha, curiosa.
— “Agora?”

Ele assentiu.

— “É um lugar só meu... mas hoje, eu quero dividir com você.”

Sem fazer mais perguntas, ela pegou na mão dele. O caminho era íngreme, subindo por trás do terreno, onde a grama era mais alta e os grilos cantavam na escuridão. Ele caminhava em silêncio, e ela o acompanhava, como se entendesse que o momento pedia isso.

Depois de alguns minutos, chegaram ao topo de uma pequena colina. Havia um velho banco de madeira ali, gasto pelo tempo e pela chuva. Ao redor, o vento soprava forte, e a vista se abria imensa diante deles.

Luzes das casas salpicavam a escuridão como estrelas caídas do céu. Lá de cima, era possível ver toda a extensão do bairro, as ruas tortas, os telhados desiguais, o campo ao longe. Um mundo inteiro, quieto, dormindo sob os pés deles.

Ele se sentou no banco e puxou ela para perto.

— “Venho aqui desde criança”, ele disse, olhando para o horizonte. “Quando meu pai ainda tava vivo, ele me trouxe aqui uma vez. Disse que esse era o melhor lugar do mundo pra pensar. E depois que ele se foi, eu continuei vindo. Talvez porque aqui seja o único lugar onde consigo ouvir minha cabeça sem me perder nela.”

Ela encostou a cabeça no ombro dele.
— “É lindo. Parece que o tempo para aqui.”

Ele sorriu de canto.

— “É... e mesmo assim, tudo passa rápido demais.”

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Só o som do vento nas árvores e o canto distante de um cachorro quebravam a noite.

Então ele continuou, com a voz mais baixa:

— “Às vezes fico olhando tudo lá embaixo e me pergunto se alguém percebe que estou aqui. Se alguém sentiria minha falta se eu simplesmente sumisse nesse horizonte. É estranho... tem dias que me sinto parte de tudo, e tem dias que é como se eu fosse um estranho dentro da minha própria vida.”

Ela olhou para ele, os olhos suaves, mas atentos.

— “Você não é invisível pra mim”, disse, com firmeza. “Nem pra sua mãe. Nem pra esse mundo. Mesmo quando não parece.”

Ele respirou fundo.
Os olhos ardiam. Não de tristeza apenas, mas de um alívio que doía.

— “Eu finjo bem demais. Aprendi cedo. Depois que meu pai se foi, eu meio que... virei o que esperavam. Forte. Resoluto. Silencioso. Só que por dentro, às vezes, tudo vira um caos. Como se eu tivesse segurando os cacos com as mãos nuas.”

Ela segurou a mão dele, apertando com firmeza.
— “Você não precisa segurar tudo sozinho.”

E foi ali, naquela noite fria e cheia de vento, que ele sentiu que estava, pela primeira vez, sendo visto por inteiro. Não apenas o estudante. Nem o rapaz bonito e calado. Mas o menino quebrado que continuava tentando ser homem demais para a idade.

Ele se virou para ela.
E com um olhar carregado de coisas que nunca conseguiu dizer em voz alta, sussurrou:

— “Obrigado por não desistir de mim.”

Ela sorriu, com os olhos úmidos.

— “Ainda nem comecei.”

Ficaram ali por mais um tempo.
O mundo abaixo deles girava em silêncio.
Mas naquela colina, dois corações batiam em sintonia — como se aquele lugar, antes tão solitário, finalmente tivesse encontrado seu verdadeiro nome:

Refúgio.

Capítulo 8 – O Silêncio

Na manhã seguinte, ela acordou com a memória fresca da noite anterior.

As palavras ditas ao vento. O olhar dele, carregado de verdades que só o tempo conseguiria traduzir. Ela sorriu ao lembrar de tudo — da colina, do frio, do modo como ele finalmente havia se mostrado.

Mas o sorriso durou pouco.

Ela mandou uma mensagem logo cedo: “*Dormiu bem?*”

Nenhuma resposta.

Achou normal. Talvez estivesse dormindo até mais tarde. À tarde, ligou. Chamou até cair na caixa postal. Tentou de novo. E mais uma vez. E mais outra. Nada.

No fim do dia, a inquietação já tomava conta. Mandou mais mensagens. Tentou não parecer desesperada. Tentou manter o controle.

Mas no dia seguinte... ainda nada.

E então, o terceiro dia chegou.
E com ele, o desespero.

Ela foi até a frente da casa dele. A porta estava fechada. Luzes apagadas. A mãe dele não aparecia mais na varanda. Nenhum sinal de vida. O portão permanecia trancado, como se a casa estivesse suspensa no tempo.

Bateu palmas. Chamou.
Ninguém atendeu.

— “Você tá aí?”, ela perguntou ao vazio. “Me responde...”

Andou até a praça onde costumavam se sentar, depois foi à biblioteca, ao campo onde ele dizia ver as estrelas quando o mundo pesava demais. Passou até pela colina. Lá em cima, o banco e a cabana ainda estava ali — solitários, quietos, como se guardasse a sombra do que eles viveram.

Ela se sentou no mesmo lugar onde ele estivera. O vento soprou, mas parecia outro.
Um silêncio pesado, cortante, invadiu tudo.

Abriu o celular. Discou o número dele de novo.
O coração batia alto demais.
Chamou uma vez... duas...
E a mesma voz da caixa postal ecoou:

"O número chamado encontra-se indisponível..."

Ela desligou e soltou um suspiro que quase virou choro.

As lembranças começaram a se atropelar.
O jeito como ele segurava a xícara com as duas mãos.
As palavras não ditas nos olhares longos.
O peso nos ombros.
O pedido mudo de socorro por trás de cada sorriso contido.

Algo estava errado.
E ela sabia.

Não era um simples sumiço.
Era um desaparecimento que deixava marcas — como se ele tivesse sido arrancado de repente, levado por algo que ele mesmo não conseguia controlar.

Ela se encolheu no banco, abraçando os joelhos.

E então, pela primeira vez, deixou as lágrimas caírem sem esconder.

Sem saber se estava chorando por ele, por si mesma, ou pela dor muda de não saber onde tudo havia se quebrado.

Sentada no banco de madeira, o mesmo onde riram dias antes. O vento sussurrava nas folhas com uma melodia que parecia conhecê-los. Tudo ali gritava o nome dele sem som algum.

Ela tentou racionalizar:
Talvez ele só precisasse de um tempo.
Talvez tivesse tido uma emergência.
Talvez, talvez...

Mas nenhuma suposição preenchia o vazio que ele deixara — não só no espaço, mas dentro dela.

Tirou o celular do bolso. Ligou novamente. Sétima vez.
Oito. Nove.
Caixa postal.
O silêncio, sempre ele.

As mãos já trêmulas, os olhos ardendo, e o coração como um vidro trincado prestes a estilhaçar. Foi então que ela recuou o corpo no banco e olhou para o céu. Não buscava resposta. Só queria não se perder.

Permaneceu ali até o fim da tarde. O céu foi mudando de cor como se o tempo zombasse da sua espera.

Ela desceu a colina.
Devagar.

Os lugares por onde passaram pareciam diferentes agora — como se a ausência dele tivesse alterado a realidade em torno.

Ao chegar em casa, sua mãe falou com ela. Mas sua voz parecia distante, como vinda de trás de um vidro grosso. Subiu direto para o quarto, fechou a porta e encostou as costas nela.

E ali ficou.
Ouvindo o silêncio.
Sentindo a ausência.

Olhando para o nada, como se o nada carregasse uma mensagem oculta.

E foi nessa noite que ela sonhou com ele pela primeira vez.

Mas não se lembraria do sonho ao acordar.

Apenas do vazio.

E da sensação de que algo estava prestes a mudar para sempre.

Capítulo 9 – A Mensagem

O celular vibrou sobre a mesa de cabeceira.
Um toque. Dois. Três.
Parou.

Ela não correu para ver. Não mais.
Há uma semana, a vida parecia em suspenso. As horas escorriam como areia entre os dedos, e ele... havia sumido. Nenhuma mensagem. Nenhuma explicação.

Mas naquela manhã, entre o silêncio abafado do quarto e o gosto amargo do café frio, algo brilhou na tela.

"Caixa postal: 1 nova mensagem."

Ela hesitou. A mão tremia. O coração... já não sabia se queria ouvir ou esquecer.

Com um toque leve, ela pressionou *ouvir*.

E a voz dele preencheu o ambiente.

"Ei... sou eu."
Silêncio. Respiração pesada.

"Talvez você não me perdoe. Talvez nem devesse tentar explicar. Mas se eu sumir... queria que você soubesse."

Ela fechou os olhos. O mundo ao redor se dissolveu. E, dentro dela, as imagens começaram a surgir — como se estivesse lá, como se a voz dele fosse um fio invisível puxando as cenas para sua mente.

Primeiro, o quarto escuro. A mãe dele, deitada, imóvel. Pálida como a própria dor. Desde a festa, não saía mais dali. Ele, do lado de fora da porta, os punhos fechados contra a parede.

"No dia seguinte, minha mãe passou mal. Não quis que você soubesse... mas eu vi a vida dela se apagar devagar. Como uma vela no fim. E eu... eu não consegui impedir."

A cena muda. Ela vê ele correndo pelo hospital, os olhos sem foco, a boca dizendo nomes que ninguém respondia. Depois, o silêncio frio da sala de espera. O som seco do médico. O mundo dele quebrando.

"Eu a enterrei ontem. No mesmo lugar onde meu pai descansa. E pela primeira vez, eu senti um vazio tão grande... que até teu nome ecoou dentro dele. Só o teu."

Ela vê.
Vê ele de joelhos, diante de duas lápides.
A chuva caindo como lágrimas do céu.
As mãos dele cravadas na terra.

"Eu queria te procurar. Eu quis. Mas algo dentro de mim... paralisou. Me quebrou. Tive que vir embora. Um tio da minha mãe... ele me acolheu em outro país. Me obrigaram a tentar recomeçar. E eu... fui. Mas deixei tudo aí."

Ela já chorava.
Mas era um choro mudo, de quem ouve e não pode responder.
De quem assiste uma história acontecer... e não pode mudá-la.

"Se um dia eu puder voltar, vou bater na sua porta. Mas se não puder... só queria que você soubesse que eu te amei. Mais do que fui capaz de mostrar. Mais do que eu soube lidar."

A voz dele vacilou. Como se estivesse segurando o mundo inteiro nas costas.

"Você foi a única luz que brilhou quando tudo ao redor era sombra."

Silêncio.

"Adeus..."

A ligação caiu.

Ela ficou ali. O celular ainda na mão. O peito afundado em soluços contidos.

Capítulo 10 – O tempo não apaga tudo

O sol nascia devagar no horizonte, tingindo o céu com tons alaranjados que invadiam as janelas do pequeno apartamento de Helena. Ela estava sentada à beira da cama, os cabelos bagunçados pelo travesseiro, segurando uma xícara de café quente entre as mãos. Era um ritual diário que mantinha desde que se mudara para aquela nova cidade, após o fim da faculdade, já que estava no último ano para concluir. O silêncio das manhãs lhe trazia um tipo de paz agridoce, onde ela podia respirar e ao mesmo tempo sentir — sem distrações — a ausência que nunca deixou de habitar dentro dela.

Já havia se passados quase um ano desde que ele havia desaparecido.

Um longo ano desde aquela última ligação que ela ouvira na madrugada, a voz embargada dele gravada em sua memória como um sussurro eterno. Ele tinha partido, deixado a dor no lugar do corpo, a ausência no lugar das palavras, e desde então... nada. Nenhuma carta, nenhum sinal. Somente um silêncio ensurdecedor que tomava forma em cada canto da vida de Helena.

Mas o tempo, impiedoso e constante, continuava a correr.

Ela terminara a faculdade com méritos, mas com o coração partido. Nos primeiros meses, a rotina era preenchida por tentativas desesperadas de encontrar alguma explicação. Depois, vieram os dias em que fingir força se tornou a única opção. Mergulhou nos estudos, nos estágios, nos livros. Se tornou alguém que todos admiravam — mas poucos conheciam verdadeiramente.

E então veio Luna. Ela não sabia, mas estava grávida dele...

Sua filha nasceu em uma manhã chuvosa de primavera, como se o céu também quisesse derramar bênçãos sobre aquele momento. Helena nunca tinha chorado tanto ao segurar alguém nos braços. A menina tinha os olhos grandes, expressivos, e um silêncio intenso que lembrava... ele. Por um instante, ela se pegou perguntando — e se ele visse isso? E se ele soubesse que ela agora era mãe?

Mas esses pensamentos eram como ondas: vinham fortes, revoltos, mas sempre se dissipavam na areia do agora.

Luna cresceu, trouxe risos para os dias tristes, rabiscos nas paredes, brinquedos espalhados pela sala e perguntas incessantes

sobre tudo. Helena se via nela. Nos gestos. Na curiosidade. Na forma como olhava as estrelas pela janela do quarto antes de dormir.

E mesmo assim, à noite, quando a casa dormia e o silêncio voltava a reinar, Helena ainda se sentava à beira da cama, com a xícara de café — agora fria — entre as mãos, e pensava nele. No que teria sido. No que foi. E no que ainda doía.

A dor não sumia. Apenas mudava de forma.

Não havia mais raiva, nem mágoa. Apenas uma saudade profunda. A certeza de que o que viveram ultrapassava o tempo. Ela não sabia onde ele estava, se estava bem, se havia construído uma nova vida. Mas sabia que nunca esqueceria o modo como ele a olhava, como sorria torto quando estava envergonhado, como dizia seu nome como se fosse poesia.

Foi em uma manhã no escritório de arquitetura, no centro da cidade, que ela conheceu Felipe. Ele era gentil, tranquilo, tinha o sorriso fácil e um jeito sereno que acalmava até os dias mais atribulados. Começaram como colegas de equipe, e aos poucos foram se aproximando. Ele notava quando ela estava calada demais. Levava café na mesa dela sem pedir. Dava espaço quando

ela precisava de silêncio e companhia quando ela precisava apenas existir.

— “Você parece sempre pensar demais”, ele disse uma vez, em uma cafeteria após o expediente.

Ela apenas sorriu. Não tinha forças para explicar que pensava demais porque sentia demais. Porque ainda havia um nome que pesava em cada canto de sua alma.

Mesmo assim, deixou que o tempo fizesse seu trabalho. Começaram a sair. Primeiro para jantares curtos. Depois para fins de semana mais longos. Ele conheceu seus amigos. Seus silêncios. Sua mania de observar o céu. Sua capacidade de sorrir por fora mesmo quando chorava por dentro.

Ela se permitiu. Não por esquecimento, mas por sobrevivência.

O pedido de casamento veio em uma viagem à serra, em um fim de tarde, quando as nuvens tocavam as montanhas como véus. Ela hesitou. Sentiu o nome do passado gritar dentro de si como se o tempo não tivesse passado. Mas disse sim. Porque

também sabia que não podia viver eternamente presa a um fantasma.

O casamento foi simples. Apenas os mais próximos. Sua mãe chorou ao vê-la entrar na igreja, com um vestido delicado que mal escondia o nervosismo nos olhos. Helena estava linda, como uma pintura viva, mas dentro do peito levava um espaço vazio que nunca se preencheria.

Nos primeiros meses de casada, tudo parecia caminhar bem. Felipe era bom, cuidadoso, paciente. Trabalhavam juntos em alguns projetos, compartilhavam sonhos novos, compraram um apartamento maior, viajaram.

No fundo, ela sabia que o amor da sua vida não era aquele com quem ela se casou. E isso era um fardo que carregava em silêncio, por respeito a Felipe, por amor à filha, por lealdade à vida que construiu.

Mas toda vez que o nome dele surgia em pensamento, uma parte dela ainda esperava. Mesmo sem saber o que esperava.

No dia em que completou 27 anos, ela se olhou no espelho com mais ternura. Era uma mulher diferente da que um dia chorou

abraçada a um telefone. Havia maturidade, cicatrizes, e ainda assim... havia um brilho de menina nos olhos quando se lembrava da primeira vez que esbarrou nele na faculdade.

E naquele dia, enquanto Luna dormia, ela abriu a antiga caixa de memórias guardada no fundo do armário.

Fotos. Cartas antigas. Um caderno com anotações soltas. Pequenos bilhetes escritos à mão.

E ali, entre os papéis, encontrou a pequena flor seca que ele havia deixado uma vez entre as páginas de um livro.

Ela a segurou com cuidado. E sorriu. Porque o tempo havia passado.

Mas o amor verdadeiro... esse nunca vai embora por completo.

Capítulo 11 – O Olhar Que Vê o Invisível

A penumbra era densa.

Aquele lugar não parecia um quarto, nem uma rua, nem uma cidade. Parecia um fragmento suspenso no tempo, um espaço entre o real e o impossível. Havia silêncio, mas não o tipo de silêncio que conforta. Era o silêncio carregado de memórias, como se cada partícula do ar carregasse um nome, uma lembrança, um arrependimento.

Ele estava ali.

Aquele que um dia caminhou pelas ruas da juventude, que sorriu e amou com força, que fugiu, que perdeu. Ele, agora homem feito, com os olhos mais opacos do que antes, parado no meio do vazio, observando... tudo.

Era como se assistisse a um filme projetado nas paredes do invisível.

E ele viu.

Viu ela sentada à beira da cama com a xícara de café nas mãos, olhando pela janela sem enxergar o mundo lá fora. Viu seus

olhos fixos em nada, como se procurassem algo que se perdeu para sempre.

Viu sua formatura. O sorriso dela, tremendo. Os aplausos, os abraços, a ausência.

Viu quando ela chegou em casa pela primeira vez com Felipe. Quando riu da piada sem graça. Quando sorriu tentando esquecer.

Viu o casamento, os votos, o beijo. O vestido claro que ela mesma escolheu. E viu também a hesitação nos olhos dela antes de dizer “sim”.

Viu Luna nascer.

E chorou.

Chorou como se a dor de não ter vivido aquilo com ela fosse nova, mesmo que já fizesse anos. Viu a menina crescer, correr pela casa, pular no sofá, apontar para as estrelas dizendo que queria “voar até lá”. Viu ela dormir agarrada ao ursinho, enquanto Helena a cobria com aquele cuidado quase sagrado de quem ama com todo o ser.

E em tudo que ele via... ele se via ausente.

Como um fantasma que não conseguiu ficar, como uma sombra que pertenceu ao começo da história, mas não teve coragem de chegar até o fim.

Ele estendeu a mão, como se quisesse tocá-la, como se pudesse atravessar o tempo e o espaço e segurar os dedos dela de novo. Mas tudo escorria por entre seus dedos como fumaça, como se a vida estivesse zombando do arrependimento que agora ele não podia esconder.

Ela seguiu em frente. A vida aconteceu. E ele? Ficou parado, no tempo e dentro de si mesmo, sendo engolido pelas escolhas que fez.

Mas ali, no meio daquele vazio onírico, enquanto via cada passo dela ser escrito com ausência, algo começou a mudar dentro dele.

Uma lembrança emergiu, diferente das outras.

Era a noite em que ele havia deixado a última ligação. A voz trêmula, o coração em pedaços. Ele não sabia, naquela época, que aquela escolha o perseguiria como um eco.

Agora ele via o quanto ela sofreu. O quanto ela tentou entender. O quanto ela esperou. E ainda assim... ele não voltou.

E se perguntava, pela primeira vez com clareza:

— *Por que não voltei?*

A resposta era complexa. Misturava dor, covardia, desespero, perda. Mas também havia um fio de esperança escondido por trás de tudo aquilo. Porque parte dele acreditava que o amor verdadeiro resiste. Que, se fosse real, resistiria.

E resistiu.

Mesmo que silenciado, mesmo que adormecido, mesmo que enterrado sob camadas de rotina e de vida, o amor dela por ele ainda respirava. Ele sentiu isso. Viu nos olhos dela. No modo como guardava a flor seca. No modo como olhava o céu, à noite, com uma saudade que ninguém mais entendia.

Aquilo não era só lembrança. Era quase... um reencontro com o que ele foi.

E, naquele instante, entre as memórias projetadas e o tempo suspenso, ele entendeu:

Talvez aquilo não fosse apenas uma visão.

Talvez aquilo fosse um **chamado**.

Porque algo dentro dele, desde o momento em que começou a ver tudo, dizia que o tempo estava se aproximando. Que a vida, com seus desígnios misteriosos, começava a conspirar para um reencontro que ele não sabia se merecia... mas que precisava viver.

O tempo era outro agora. Ele não era mais aquele menino que fugiu.

Ele era um homem... e começava a despertar do torpor de sua própria história.

E quando o véu da lembrança começou a se desfazer lentamente diante dos seus olhos, ele deu um passo à frente.

Pela primeira vez, em muito tempo, deu um passo em direção ao passado — não para mudar o que foi, mas talvez... para reconstruir o que ainda poderia ser.

Capítulo 12 – Quando Tudo Desmorona

Dez anos haviam se passado.

Uma década inteira havia escorrido entre os dedos de Helena como areia fina. E o tempo, que antes parecia um aliado generoso, tornara-se agora um espelho cruel, mostrando cada ruga nova, cada cicatriz não visível, cada ausência que o coração foi forçado a aceitar.

Do lado de fora, a vida seguia.

A casa onde morava com Felipe e Luna era bonita, bem arrumada, aconchegante. O jardim florido, a bicicleta encostada no muro, os desenhos infantis colados na geladeira com ímãs coloridos. Para quem visse de longe, tudo ali parecia parte de uma vida estável, organizada, quase feliz.

Mas por dentro... as paredes já começavam a ruir.

Helena sempre fora resiliente. Mesmo depois de tudo o que viveu na juventude, dos silêncios que a feriram, das partidas sem explicação, ela acreditou que era possível reconstruir-se. Lutou, formou-se, construiu uma carreira respeitável, encontrou

em Felipe um companheiro estável, alguém que parecia oferecer a segurança que ela tanto precisava.

E durante um tempo, foi o suficiente.

Mas com o passar dos anos, algo começou a mudar.

Não foi de uma vez. Foi aos poucos. Pequenos gestos que deixaram de acontecer, olhares que não se cruzavam mais, palavras que, mesmo ditas, pareciam vazias.

Felipe tornou-se cada vez mais ausente. Justificava com o trabalho, os projetos, as viagens. E ela, como tantas mulheres, tentou entender, tentou ser paciente. Achava que era apenas uma fase. Que passaria.

Até o dia em que não passou.

Ela descobriu por acaso. Um e-mail aberto no computador, uma troca de mensagens no celular esquecido no sofá. Frases íntimas, apelidos carinhosos, planos para um fim de semana que não envolviam sua família.

E tudo desmoronou.

Helena sentiu o chão sumir sob seus pés. Como se o tempo voltasse, como se revivesse mais uma perda, mais um abandono. Só que agora, com mais peso. Com uma filha. Com uma história construída. Com promessas que se quebravam diante dos seus olhos.

Enfrentou a traição em silêncio, por um tempo.

Não quis destruir Luna com brigas e gritos. Não quis transformar sua casa em um campo de guerra. Mas quando não pôde mais fingir, pediu a separação.

Felipe não lutou.

Simplesmente arrumou suas coisas e saiu. Como quem está aliviado por não precisar mais fingir.

E ela ficou... sozinha.

Não só em termos físicos. Sozinha em tudo. Nos sentimentos. Nas perguntas. Nos medos. Nas noites em claro tentando entender onde foi que perdeu a si mesma. Sozinha até mesmo diante do espelho, porque ali já não via a mesma mulher.

Mas o pior ainda estava por vir.

Começou com cansaço. Um cansaço diferente, profundo, como se o corpo estivesse desistindo aos poucos. Vieram os enjoos, as tonturas, a queda de cabelo. A princípio achou que era o estresse, a depressão, a ansiedade causada por tudo o que estava vivendo.

Foi ao médico. Fez exames. Esperou o resultado com aquele aperto no peito que ela não sabia explicar.

E então... o diagnóstico.

Um tipo raro de câncer. A palavra bateu como uma sentença. O mundo ficou mudo por um instante, como se todo o ar tivesse desaparecido da sala. O médico falava, explicava, sugeria caminhos, tratamentos, possibilidades. Mas tudo soava distante. Como um eco dentro de uma caverna.

Ela saiu do consultório sem saber como chegou em casa.

Deitou-se na cama. Ficou ali. Horas. Dias. O mundo lá fora seguia seu curso. Mas dentro dela... tudo havia parado.

Foi Luna quem a puxou de volta.

A menina, com seus olhos imensos, entrou no quarto uma tarde e perguntou:

— Mamãe, você vai morrer?

Helena não soube responder. As lágrimas escorreram. E foi naquele momento que ela decidiu lutar.

Começou o tratamento. Cirurgias. Quimioterapia. Dores físicas, emocionais. Perdeu peso. Perdeu os cabelos. Perdeu o brilho nos olhos por um tempo. Mas não perdeu a vontade de continuar por Luna.

E em meio a tudo isso... começou a se lembrar.

Das noites no ponto alto, onde conversava com ele sobre a vida. Das cartas que nunca chegaram. Dos sonhos interrompidos. Daquela sensação de que, em algum lugar do passado, ela havia deixado um pedaço de si.

E então ele voltou a aparecer... nos pensamentos.

Não como o garoto que ela conheceu, mas como a sombra de um homem que poderia ter sido. Alguém que a amou sem saber como mostrar. Que a perdeu por medo. Que talvez ainda

guardasse, em algum lugar distante, o mesmo vazio que agora ela sentia.

Ela se perguntou onde ele estaria.

Será que sabia o que estava acontecendo com ela?

Será que a lembrava?

Será que, de algum modo inexplicável, sentia a mesma dor?

As perguntas se acumulavam como cartas nunca enviadas.

E o destino, que até ali parecera indiferente, começava a costurar os fios invisíveis da vida com mãos misteriosas.

Porque algo estava para acontecer.

Algo que mudaria tudo de novo.

Mas por agora... ela apenas respirava. Vivia. Sobrevivia.

E no fundo do peito, onde ainda restava um canto de esperança, ela sussurrava para si mesma:

— Eu ainda não acabei...

Capítulo 13 – Enquanto Eu Dormia

O tempo havia passado com mais gentileza nos últimos meses.

Depois da última sessão de quimioterapia, Helena começava a reencontrar pequenas partes de si. Os cabelos haviam voltado, finos e curtos como a penugem de uma nova vida. O sorriso ainda era contido, mas havia luz nos olhos outra vez. Voltava a caminhar pelas ruas, sentia o cheiro das flores, tomava café na varanda ao lado de Luna, que agora já era uma menina curiosa, cheia de perguntas e cheia de vida.

Helena retomara o trabalho, em parte. Voltava à rotina devagar, com os cuidados que os médicos pediam. E pela primeira vez, depois de tudo, sentia que talvez ainda houvesse tempo para encontrar uma nova razão para viver.

Mas, como tudo em sua vida, a calma parecia sempre esconder uma virada inesperada.

Era uma tarde comum. Ela estava sentada no quarto, revisando algumas anotações em seu caderno, quando um cansaço estranho tomou conta de seu corpo. Os dedos ficaram

dormentes. A visão escureceu pelas bordas. E o mundo, mais uma vez, sumiu.

Desmaiou.

Quando acordou, estava em uma maca, sendo levada às pressas por um corredor branco, cercada de vozes, luzes e sons abafados. E então... o silêncio.

Um novo vazio.

Mas dessa vez, era diferente.

Não era apenas um apagão.

Era como se sua alma tivesse sido puxada para outro lugar.

Helena abriu os olhos.

E estava ali... naquele campo de lavanda que costumava imaginar quando era menina. O céu acima era de um azul profundo e calmo. A brisa tocava sua pele com doçura. E ao longe, como surgido do próprio coração da paisagem, ele estava ali.

Ele.

Não o menino que ela conheceu, nem o jovem que ela amou — mas o homem que ele havia se tornado. O tempo estava em seus olhos, nos traços firmes, no jeito mais sereno de caminhar. E ainda assim... havia nele o mesmo olhar. Aquela intensidade. Aquela tristeza doce, escondida em silêncios. Aquela saudade.

Ela caminhou até ele sem pensar. Como se fosse o destino guiando seus passos.

Quando o alcançou, não disse nada. Apenas o abraçou.

Foi um abraço longo, morno, como se finalmente voltassem para casa um no outro.

Ela chorou no ombro dele, e ele a envolveu como se o mundo pudesse parar ali. Nenhuma palavra foi necessária por longos minutos.

Até que ela o olhou nos olhos.

E foi então que viu.

Não com os olhos comuns, mas com o olhar da alma.

Ela viu o que ele havia vivido. A dor da perda dos pais. A culpa. O abandono. As noites em que chorou sem saber como voltar. A solidão de viver em outro país. O esforço para se reconstruir. Os anos de silêncio, em que pensava nela, mas não sabia como reaparecer.

Ela viu tudo.

E doeu.

Mas não com uma dor amarga — era uma dor de compreensão. Como se, finalmente, os nós que o tempo havia dado em suas vidas comesçassem a se desfazer ali, naquela dimensão entre o sonho e o real.

Ela segurou seu rosto com as duas mãos e sussurrou:

— Eu senti tanto a sua falta...

Ele fechou os olhos, encostando a testa na dela.

— Eu nunca parei de te ver... nem por um segundo. Tudo isso... — apontou ao redor — ...é memória. É a gente. É o que sobrou de mim, guardado aqui dentro, esperando que você voltasse, mesmo sem saber como.

Ela queria ficar ali para sempre.

Mas, de repente, o cenário começou a se desfazer. A lavanda virou poeira. O céu se dissolveu em branco. E uma voz distante a chamava com urgência.

— Helena! Helena, me escuta...

Ela abriu os olhos, ofegante, como quem volta à vida depois de um mergulho profundo.

Estava em uma cama de hospital.

Luzes brancas. Sons de monitores. Um aroma leve de álcool e limpeza.

E então, ela o viu.

A princípio, achou que ainda sonhava.

Mas não.

Era ele.

Vestindo um jaleco branco. Os mesmos olhos, agora diante dela, reais. Um pouco mais cansados, talvez, mas vivos. Tão vivos quanto as lembranças que carregava.

— Você teve uma crise de hipoglicemia severa — ele disse com calma, mas com os olhos úmidos. — Fique tranquila, está tudo sob controle agora.

Ela não conseguia falar.

Não por medo, nem por choque — mas por reverência. Reverência ao momento. À revelação.

Ao reencontro.

— Sou eu, Helena — ele disse, com a voz quebrada. — Eu voltei... muito depois do que devia. Mas voltei.

Ela sorriu, e uma lágrima escorreu sem que tentasse controlá-la.

— Eu sonhei com você...

Ele sentou-se ao lado da cama, segurando sua mão com delicadeza.

— E eu nunca deixei de sonhar com você.

Capítulo 14 – O Reencontro

O som do monitor cardíaco preenchia o silêncio do quarto com sua constância fria. Um bip. Outro bip. O tempo parecia se alongar entre cada um deles, como se o próprio universo esperasse que ela abrisse os olhos. E então, suavemente, seus cílios tremeram. A luz tênue do teto do hospital parecia vir de um sonho. E talvez fosse.

Ela piscou, devagar, tentando decifrar onde estava. O branco das paredes, o cheiro de álcool, o lençol engomado. Estava viva. Ainda. Mas havia algo diferente no ar. Algo que não era deste mundo.

Virou lentamente a cabeça e o viu. Ele estava ali, sentado na poltrona ao lado da cama, com o rosto entre as mãos. A barba por fazer. Os olhos vermelhos. O jaleco levemente amarrotado. Por um momento, pensou estar sonhando de novo. Mas não estava.

— Você? — sua voz saiu num sussurro trêmulo.

Ele levantou os olhos lentamente. Os deles se encontraram, e foi como se os dez anos de distância fossem

sugados para dentro de um instante eterno. Ele não respondeu de imediato. Apenas se aproximou, com um cuidado quase sagrado, como se ela fosse feita de vidro.

— Sou eu... — disse, num fio de voz.

Ela tentou sentar, mas a fraqueza a empurrou de volta ao travesseiro. Ele a ajudou, colocando almofadas atrás de suas costas. As mãos dele tremiam.

— Por que...? Como?

Ele sorriu com tristeza.

— Estou trabalhando aqui. Me formei fora do país... voltei há alguns meses. Eu... nem sabia que era você até te ver sendo trazida.

Ela o observava como se temesse que ele desaparecesse a qualquer segundo. E por um instante, o silêncio entre eles era tão denso que podiam ouvir o bater dos próprios corações. Ele segurou a mão dela, com gentileza, como quem pede perdão com um toque.

— Você está bem? — ele perguntou, mesmo sabendo a resposta.

Ela hesitou.

— Acho que sim. Quer dizer... é tudo tão confuso.

— Está fraca. Mas vai ficar bem — mentiu. Uma parte dele se partia ao dizer aquilo. Tinha visto os exames. Sabia da sentença.

Naquela madrugada, enquanto todos dormiam, ele estava na sala de imagem, sozinho, olhando para as lâminas do hemograma e os relatórios. O diagnóstico era claro, cruel, irreversível: leucemia mieloide aguda em estágio avançado. O tipo mais agressivo. O corpo dela já estava cedendo.

Saiu do hospital naquela noite sem saber para onde ir. Entrou no carro, bateu à porta e ficou lá, imóvel, até que o choro finalmente venceu sua resistência. Gritou dentro do carro como um menino que perdeu tudo. Mais uma vez, a vida estava arrancando algo que ele mal acabara de reencontrar.

Agora, ali, diante dela, ele precisava ser forte.

— Senti tanto a sua falta — ela disse, com lágrimas nos olhos.

— Eu também — respondeu, apertando sua mão. — Cada dia.

Ela contou de forma breve sua vida: o casamento, a filha, o trabalho. Mas sempre que mencionava momentos felizes, seus olhos perdiam o brilho por um segundo, como se algo faltasse — ou alguém.

— E você? — perguntou. — O que fez da sua vida?

Ele respirou fundo.

— Trabalhei. Estudei fora. Perdi muitas coisas... mas também encontrei partes de mim. E agora... estou aqui.

Ela não sabia que ele tinha sido o médico que a atendeu quando foi internada. Não sabia que ele a tinha carregado desacordada nos braços até o centro de triagem. Que ficou horas na sala de espera observando seu coração pelo monitor. Que chorou ao ver o resultado do exame.

Ela apenas sabia que ali, diante de si, estava o amor da sua juventude, agora homem, com olhos que guardavam oceanos inteiros de silêncio.

Naquele dia, ele voltou ao hospital à noite, mesmo já fora do expediente. Quis vê-la dormindo. Sentar-se ao lado da cama e segurar sua mão mais uma vez. Mas o que fez foi descer para a capela do hospital.

Sentou-se no último banco e escreveu no seu velho caderno de capa gasta:

"Hoje eu vi o amor da minha vida e vi sua sentença. Como posso salvá-la? Como posso dizer que em dez dias, talvez, ela parta e tudo isso seja só lembrança? Deus... me dá tempo. Só um pouco de tempo."

Capítulo 15 – Os Dez Dias

O tempo é um tirano cruel. Quando temos muito, o desperdiçamos. Quando resta pouco, ele pesa como chumbo sobre o peito.

Naquela manhã, o médico com o olhar de menino perdido olhava o sol nascer da janela do hospital. Sabia que restavam apenas dez dias. Dez auroras. Dez entardeceres. Dez chances de devolver a ela o que ele tirou no passado: tempo, presença, verdade.

Ele não a contou. Não teria forças. Também não queria transformar seus últimos dias em um adeus permanente. Preferia que ela vivesse cada instante como se houvesse um amanhã — e ele faria de tudo para tornar cada segundo memorável.

Na primeira visita oficial, ele apareceu sem o jaleco. Camiseta branca, jeans surrado, um livro de poemas de Mario Quintana em mãos. Ela riu quando o viu entrar assim.

— Agora está fugindo das regras do hospital?

— As regras não se aplicam quando o coração entra em cena — respondeu, sentando-se ao seu lado. — Trouxe algo pra te ler.

E leu. Voz baixa, pausada. Como se cada verso falasse deles dois. Ela o ouvia de olhos fechados, sorrindo.

Nos dias seguintes, trouxe flores — não as comuns de hospital, mas flores do campo, colhidas na estrada ao amanhecer. Também trouxe quadros antigos da mãe dela, uma caixa de música com a melodia que ela amava quando era adolescente, uma luminária que projetava estrelas no teto à noite. Transformou o quarto em um universo só deles.

No terceiro dia, ele organizou com os enfermeiros uma sessão de cinema improvisada. Um projetor na parede branca, pipoca feita na cozinha do hospital. Assistiram “A Casa do Lago”. Ela chorou.

— Me lembra a gente — disse, enxugando uma lágrima. — Como se o tempo não nos impedisse de amar.

Ele não respondeu. Apenas segurou sua mão.

No quinto dia, ela já estava mais fraca. Mas sorria mais também. Ele trazia histórias da infância, fotos antigas, lembranças que ela nem sabia que ele ainda guardava. Um dia, trouxe até um rádio antigo, com fita cassete, e colocou uma música lenta dos anos 90. E dançaram.

Ele a ergueu com cuidado, como quem segura algo sagrado. Ela encostou o rosto em seu ombro e fechou os olhos. Os pés dela mal tocavam o chão, mas o coração... estava inteiro ali. Pulsando entre os dois.

No sexto dia, ela perguntou:

— Você acha que a gente se encontra depois disso?

Ele engoliu seco. Depois de alguns segundos, respondeu:

— Acho que quem é feito um do outro... nunca se perde de verdade.

Ela sorriu.

— Mesmo com o tempo, mesmo com a dor?

— Mesmo com a morte — disse ele, e seus olhos marejaram.

No sétimo dia, ela piorou. Febre. Sangramentos. O corpo começava a ceder. Mas ela pediu:

— Me leva lá fora. Quero ver o céu.

Ele a levou. De cadeira de rodas, coberta por um xale azul, subiram até o terraço. O céu estava pintado de laranja e rosa. O vento leve tocava seus cabelos. Ela olhou para o horizonte e sussurrou:

— Eu me lembro desse céu. Quando a gente era só dois jovens sonhando com o infinito.

Ele ajoelhou ao lado dela e disse, com voz trêmula:

— Se eu pudesse parar o tempo, congelaria esse momento.

No oitavo dia, ele trouxe cartas. Dele para ela, de tempos atrás, que nunca teve coragem de entregar. Leu uma delas em voz alta. Ela chorava em silêncio.

“Eu fugi de você com medo de me ver fraco. Mas descobri, tarde demais, que ser forte é amar, mesmo sem garantias. Você foi meu lar. Sempre foi.”

No nono dia, ela já não falava tanto. Mas quando ele chegava, seus olhos ganhavam brilho. Sussurrou:

— Você me fez sentir viva... mesmo agora.

Naquela noite, ele se sentou ao lado dela, segurou sua mão e falou:

— Se amanhã for o último dia, saiba que eu te amei com cada parte de mim. E te amo ainda. E te amarei além do tempo.

Na madrugada, ela dormia profundamente. E ele, com a cabeça encostada na beirada da cama, escreveu no diário:

“Amanhã pode ser o fim. Mas que seja também o nosso começo. Não importa onde. Nem quando. Ela é parte de mim. Sempre foi.”

Capítulo 16 – A Última Aurora

O hospital estava silencioso naquela manhã. Um silêncio espesso, estranho... como se o mundo tivesse prendido a respiração.

Ele estava no refeitório, tomando um café frio, pensando em como faria o dia dela mais leve. Talvez a levasse ao jardim suspenso do hospital, talvez lesse um trecho de Drummond, talvez apenas deitasse ao lado dela em silêncio. Ele fazia planos, mesmo sabendo que o tempo era um inimigo impiedoso.

Foi quando o bipe soou. Três sinais curtos, repetidos. Ele sabia o que significava. Cada célula de seu corpo soube.

Levantou tão rápido que a cadeira tombou para trás. Correu pelos corredores como alguém que tenta alcançar o tempo antes que ele escorra por entre os dedos.

Ao chegar ao quarto, a porta já estava entreaberta. Uma enfermeira saía com os olhos marejados. Não disse uma palavra. Apenas desviou o olhar.

Ele entrou. E ali, deitado na cama, estava o corpo dela. Sereno. Quase sorrindo. Como se tivesse partido em paz, com o coração quieto.

A máquina já havia sido desligada. O monitor, mudo. O quarto, em luto.

Ele caminhou até ela devagar, como se cada passo exigisse toda sua força. Sentou-se na beira da cama, pegou sua mão ainda quente e sussurrou:

— Não era pra ser assim. Você prometeu... você me prometeu viver mais um dia.

Nenhuma resposta. Apenas o silêncio. Um silêncio que gritava.

Ajoelhou-se ao lado da cama. Encostou a cabeça em sua barriga. E chorou. Um choro sem som, como o de uma criança que perdeu o colo da mãe. Um choro que vinha de anos de dor, de saudade, de escolhas erradas, de palavras não ditas.

Ele ficou ali por mais de uma hora. Até que uma enfermeira entrou, tocou em seu ombro e disse com voz delicada:

— Precisamos preparar o corpo...

Ele assentiu com um aceno vazio. Levantou-se. Beijou sua testa. E saiu do hospital sem dizer uma palavra a ninguém.

Andou pelas ruas sem saber para onde ia. Os olhos marejados transformavam as luzes da cidade em borrões. O mundo seguia, as pessoas passavam, carros buzonavam, mas dentro dele tudo havia parado.

Sem pensar, sem planejar, seus pés o levaram até a antiga cabana. Aquela onde, muitos anos atrás, ele costumava se esconder da dor — e onde agora voltava, esmagado por ela.

Ao entrar, o cheiro de madeira molhada e lembranças o envolveu. Não havia mudado quase nada. O mesmo sofá velho. A lareira de pedras. As estantes com livros antigos. E o silêncio... ah, o mesmo silêncio que agora preenchia também o peito dele.

Ele caiu de joelhos ali no meio da sala. As lágrimas vinham sem parar, como um rio que transbordou. Gritou. Gritou como se pudesse trazer de volta o que foi perdido. Como se a dor precisasse sair pela garganta para que não o destruísse por dentro.

Depois de horas, exausto, deitou-se no sofá. Abraçou uma manta antiga que ela havia usado um dia, quando estiveram ali. Fechou os olhos, ainda soluçando.

A cabana estava mergulhada em um silêncio antigo. Do lado de fora, o vento balançava as árvores como se sussurrasse memórias esquecidas. Ele estava deitado no sofá, o rosto ainda úmido pelas lágrimas, o peito pesado como uma noite sem estrelas.

Adormeceu ali, vencido pelo cansaço e pela dor.

Mas algo o puxou para longe daquele sono sombrio.

Sentiu um calor tocar seu ombro. Uma mão firme, porém leve, conhecida, que o despertava com gentileza.

Abriu os olhos lentamente, esperando ver a solidão da cabana.

Mas não era a cabana.

Ele estava em seu antigo quarto. O mesmo papel de parede desbotado. A estante com livros da adolescência. A luminária que ele mesmo havia consertado. O cheiro familiar de café recém-

passado no ar. E quando virou o rosto, viu algo que fez seu coração parar por um instante:

Sua mãe.

Sentada ao lado da cama, viva. Envelhecida, mas viva. Os olhos cansados, mas ternos, como ele sempre lembrava. Ela acariciava seus cabelos com dedos trêmulos.

— Você dormiu tanto, meu filho... teve um pesadelo?

Ele tentou falar, mas a garganta se fechou. Lágrimas inundaram seus olhos. Não podia ser real. Não podia estar ali, com ela, ouvindo sua voz outra vez.

— Mãe... — ele murmurou, num soluço. — Você... está aqui.

Ela sorriu, confusa, achando que era apenas emoção.

— Claro que estou aqui. Onde mais eu estaria?

Ele não sabia o que dizer. Se aquilo era sonho, queria nunca mais acordar.

Mas antes que pudesse mergulhar naquele instante de ternura e espanto, a porta da casa se escancarou com força. Passos apressados. Vozes aflitas.

— Ele está aqui?! — uma voz feminina gritou do corredor.
— Por favor, diz que ele está aqui!

Seu coração reconheceu antes mesmo que o corpo reagisse.

Helena.

Ela entrou no quarto ofegante, os cabelos em desalinho, os olhos desesperados. Quando o viu, parou. Como se o tempo também tivesse parado com ela.

— Meu Deus... você está aqui — ela sussurrou, como se não acreditasse.

Ele ficou em silêncio. Ainda tentava entender o que estava acontecendo.

— Onde você esteve? Por que desapareceu daquele jeito?
Eu te procurei em todo lugar... eu...

Ela parou ao perceber o olhar dele. Um olhar que carregava séculos de dor e amor. Um olhar que a fitava como se a visse pela primeira vez.

— Eu... — ele tentou falar, mas a voz falhou. — Eu também procurei por você. Em todos os lugares. Até nos que não existem mais...

Ela correu até ele e o abraçou com força. Um abraço que não era só de reencontro. Era de mil despedidas que agora pareciam ter sido anuladas.

O tempo ao redor deles parecia ter cedido. Como se o destino, cansado de tanta dor, tivesse decidido lhes conceder mais um capítulo.

Mas no fundo dos olhos dele, algo ainda vibrava. Um medo silencioso. Uma dúvida que não ousava nomear:

Aquilo era real... ou apenas mais uma memória que se recusava a ser esquecida?

Capítulo 17 – O Tempo Que Renasce

Os dias que se seguiram pareciam bordados em uma espécie de irrealidade. Cada passo que ele dava naquela cidade, cada palavra dita por sua mãe, cada gesto de Helena... tudo parecia milimetricamente encaixado, como se o universo tivesse escolhido reescrever o destino com a tinta invisível da segunda chance.

Ele ainda se perguntava, silenciosamente: *"Estou vivendo... ou lembrando?"*

Mas a vida, ou o que quer que fosse aquilo, seguia. Sua mãe cozinhava como antes, cuidava da casa como nos velhos tempos, e Helena estava presente quase todos os dias — rindo, falando de planos, de sonhos, como se os anos entre eles nunca tivessem existido.

Mas eles existiram. E ele lembrava de cada detalhe.

Havia momentos em que ele a fitava longamente, tentando memorizar outra vez seu rosto, o som de sua risada, a textura da sua pele. O tempo havia sido cruel, mas agora parecia generoso. Oferecia-lhe algo que muitos jamais tinham: a chance de *reviver*.

Mas por dentro, ele sentia que algo estava errado.

Ele conhecia demais aquele cenário. Cada detalhe. Cada ângulo. Era como se estivesse dentro de um quadro, onde as sombras nunca mudavam de lugar. Tudo parecia certo... demais.

Certa noite, enquanto Helena dormia ao seu lado, o luar invadindo o quarto, ele se levantou, inquieto. Foi até a varanda da casa. O vento da madrugada acariciava seu rosto como um aviso.

No céu, não havia nuvens. Mas também não havia estrelas.

E foi ali, em silêncio, que ele ouviu a voz.

— Você está mesmo disposto a esquecer que tudo isso não é real?

Ele se virou bruscamente.

Era *ele* novamente. O outro eu. Sentado na velha cadeira de balanço da varanda.

— Por que você voltou? — ele perguntou, num sussurro ferido.

— Eu nunca fui embora. Você apenas não queria mais me ver.

— Isso tudo é uma ilusão?

O outro desviou o olhar.

— Às vezes, o coração cria lugares onde a dor não pode alcançar. Mas o tempo... o tempo sempre cobra.

Ele sentiu a garganta apertar.

— Então ela está morta...?

— Ainda está viva dentro de você. Mas a pergunta não é se ela vive. *É: o que você vai fazer com o tempo que te resta aqui dentro?*

Antes que pudesse responder, ouviu um chamado suave:

— Amor?

Era Helena, despertando no quarto, procurando por ele com os olhos sonolentos.

Quando se virou novamente para a cadeira... estava vazia.

Ele caminhou de volta para o quarto, sentou-se à beira da cama e observou Helena se ajeitar entre os lençóis. Ela estendeu a mão para ele, que a segurou com firmeza.

Talvez aquilo fosse uma memória. Um sonho. Ou uma despedida do destino.

Mas agora, naquele instante, nada mais importava.

O que ele sabia... é que a amava. E a teria ali, nem que fosse por mais um dia.

Ou por mais uma eternidade imaginária.

Capítulo 18 – O Silêncio Que Antecede

Havia uma paz estranha nos dias que se seguiram. Não aquela paz artificial que vem do esquecimento, mas a que nasce quando o coração, mesmo em silêncio, presente algo precioso — e breve.

Ele ainda se perguntava, em segredo, se tudo aquilo era real.

Mas quanto mais tentava duvidar, mais tudo ao seu redor parecia verdadeiro.

O cheiro do café feito por sua mãe nas manhãs. As gargalhadas ecoando na sala com os antigos amigos da faculdade.

Os passeios simples pelas ruas da cidade que pareciam maiores quando andava ao lado de Helena. Os detalhes estavam todos lá. Vivos. Quase sagrados.

E se aquilo fosse mesmo um presente do tempo, ele o aceitaria sem hesitar.

Decidiu, então, viver cada instante **como se fosse o primeiro.**

Ou o último.

—

Em um final de tarde, caminhavam entre os campos de flores que contornavam os limites da cidade. O céu estava banhado em dourado, e o vento sussurrava nas folhas como um segredo vindo de outra vida.

Helena parou e tirou os sapatos. Sentiu a grama fria nos pés, os braços abertos como quem dança com o próprio tempo. Ele observava. Quietamente. E profundamente tocado.

— Por que me olha assim? — ela sorriu.

Ele se aproximou devagar. Pegou sua mão. Tocou seu rosto com a ponta dos dedos. Como se aquilo fosse a única linguagem que restava no mundo.

— Porque agora eu entendo tudo — disse ele. — Entendo o porquê das estrelas. O porquê do perfume das rosas nos campos. Do som das canções que nos fazem chorar mesmo quando não compreendemos a letra.

Ela o olhava, os olhos marejando sem entender o porquê.

Nos dias seguintes, ele passou mais tempo com a mãe. Ela fazia bolos como antes, e ele ouvia histórias de quando era criança — como se estivesse ouvindo pela primeira vez.

Na universidade, reencontrou velhos amigos. Riram como nos velhos tempos. Mas em seu coração, ele sabia: **isso não era só nostalgia. Era gratidão.** Era como reviver a essência daquilo que foi, sem dor.

Com Helena, cada conversa era um universo. Às vezes, falavam sobre a infância dela, sobre as histórias que nunca haviam sido contadas. Outras, apenas caminhavam em silêncio, ouvindo os sons do mundo.

Uma noite, na varanda da casa, deitaram-se lado a lado sobre uma manta.

— Me fala mais — ela pediu. — Me fala o que você vê quando me olha.

Ele fechou os olhos, respirou fundo e disse:

— Eu vejo o reflexo da minha alma tentando se curar. Eu vejo um tempo que não volta... voltando agora nos seus

olhos.

Eu vejo um amor que eu perdi... voltando pra me mostrar que nunca foi embora.

Helena chorava, mas sorria.

— Então me prometa... que não vai me esquecer. Mesmo se isso tudo for... um sonho.

Ele se virou de lado e a abraçou com firmeza.

— Se isso for um sonho, então nunca mais me acorde.

Ele disse isso em um sussurro trêmulo, mas intenso. E ficou em silêncio.

O vento parou. O mundo pareceu escutar.

Helena não disse nada. Apenas se aninhou mais perto dele, deitando a cabeça em seu peito, ouvindo o som do coração que batia forte demais para quem dizia estar calmo.

Ele fechou os olhos por um tempo. Respirava devagar. Como quem luta para não afundar por dentro.

— Helena... — ele disse, por fim, quase sem voz. — Tem uma coisa que eu preciso te contar.

Ela se mexeu suavemente, encarando-o com olhos calmos, mas atentos.

— Eu... não sei onde estou. Não sei se isso é mesmo real. Mas se não for... então foi o sonho mais bonito e mais cruel da minha vida.

Ela ficou em silêncio. Esperando. Com aquele tipo de espera que só quem ama sabe oferecer.

Ele continuou:

— Eu vivi coisas, Helena. Coisas que não consigo explicar. Eu te vi sorrindo para mim depois de anos longe. Vi você se casando com outra pessoa... te vi com uma filha. Com a nossa filha.

A voz dele tremeu.

— Ela se chamava Luna... e tinha seus olhos. Ela te ama muito e amava fazer desenhos cheios de corações. Eu... eu me lembro do cheiro do cabelo dela, do som da risada. Me lembro da

dor de te perder... e de nunca ter tido tempo de te dizer o quanto eu te amei de verdade.

As lágrimas começaram a cair, sem que ele percebesse. Caíam como uma chuva miúda, como aquelas noites em que o silêncio gritava demais.

— Eu me lembro de estar do seu lado... no hospital. Eu sabia que você ia morrer. E eu tive só dez dias para te fazer feliz. Foram os melhores dez dias da minha vida. Eu vivi cada um deles como se fossem o último. Porque foram.

Helena apertou sua mão, o olhar mergulhado em confusão, mas não interrompeu.

— E então... você morreu. Eu gritei. Eu chorei até dormir... e depois disso, acordei aqui. Aqui, com você. Com minha mãe viva. Com meus amigos. Com tudo como era antes. Eu achei que tinha enlouquecido. Mas agora... não sei.

Ele parou. Respirou fundo. Estava tremendo.

— Tudo o que eu vivi... parecia real. O cheiro. O toque. As palavras. As dores. A solidão. A saudade. A esperança.

Fechou os olhos com força.

— Então por favor... se isso for mesmo um sonho, me deixa ficar. Me deixa te amar como eu deveria ter feito antes. Me deixa viver o que perdi. Nem que seja só aqui dentro.

Helena levou a mão ao rosto dele, acariciando suas lágrimas.

— Shhh... — ela sussurrou. — Eu estou aqui. Eu sempre estive.

Mas naquele instante, ele soube que ela não entendia. Que não podia entender. Porque ela não tinha vivido o que ele viveu.

E isso doeu. Doeu como um incêndio silencioso, queimando tudo por dentro.

Ele a abraçou com força. Como quem segura a única coisa que ainda resta.

E ali, debaixo do céu sem estrelas, ele chorou baixinho... como quem sabe que o tempo é um visitante, e que a qualquer momento, tudo pode desaparecer de novo.

Capítulo 19 – O Amanhã

Aquela noite tinha algo diferente.

Não havia discussões, inseguranças ou medos.

Era como se o universo tivesse se calado, permitindo que apenas **o amor falasse**.

Eles caminharam pelo campo, sorriram sem motivo, conversaram sobre as coisas mais simples da vida como se fossem as mais preciosas.

Sentaram-se à beira do lago onde se encontraram meses atrás.

O céu estava limpo, a brisa suave.

Ela encostou a cabeça no ombro dele, e ele a envolveu com os braços, sentindo cada batida do coração dela como se fosse uma contagem regressiva silenciosa.

Mas ele não sabia.

Ela também não.

Só que algo dentro dele — mesmo sem nome — **pedia silêncio. Reverência. Presença.**

—

Mais tarde, deitados na cama dela, ele a olhava dormir.

O rosto sereno, os cabelos espalhados pelo travesseiro.

Os dedos ainda entrelaçados nos dele, mesmo durante o sono.

Ele sorriu sozinho.

Pensou nas coisas que não disse... e nas que nunca conseguiria dizer com palavras.

Fechou os olhos, com o coração leve, pela primeira vez em muito tempo.

—

O sol ainda estava nascendo quando ele se levantou.

Cuidadoso, calçou os sapatos, pegou a camisa.

Escreveu um bilhete apressado, deixou sobre a mesa da cozinha:

“Volto logo. Obrigado por ontem. Por tudo. — T.”

Saiu devagar, olhando para trás uma última vez.

Não sabia que aquela era a última vez.

—

A manhã estava calma.

O céu ainda cinzento.

A brisa fria.

Ele caminhava pelas ruas do bairro, sorrindo, ainda sentindo o cheiro dela na pele, o gosto do beijo, o calor do abraço.

Cada passo era acompanhado por pensamentos profundos, como uma oração silenciosa de gratidão.

Ele pensava na noite anterior, nos olhos dela, no tempo que tiveram juntos... como se tivesse recebido uma nova chance.

Atravessava uma rua próxima de casa, pela faixa de pedestres, os pensamentos distantes, o coração cheio.

Não viu a moto.

(...)

O motociclista tentou frear. Gritou. Mas era tarde.

(...) O impacto...

Silencioso.

—

(...)

O telefone tocava sem parar.

Helena acordou devagar, ainda envolta pela lembrança da noite anterior.

A cama ainda tinha o cheiro dele.

Sorriu.

Esticou a mão, procurando por ele ao lado... mas encontrou apenas o vazio.

— Amor? — chamou baixinho.

Silêncio.

Levantou-se, andou até a sala. Não o viu.

Foi até a cozinha. Nada. O banheiro. Vazio.

O celular ainda tocava.

Com o coração acelerado, atendeu.

— Alô?

— Helena... sou eu, a mãe dele... — a voz tremia. — Ele... ele sofreu um acidente. Foi levado ao hospital. Ele... ele não resistiu...

Helena congelou.

— O quê?

— Meu Deus, filha... me perdoa. Eu não sei o que fazer. Eu não sei...

O telefone caiu da mão dela.

O mundo perdeu o som.

O corpo perdeu o chão.

As lembranças da noite anterior invadiram como um furacão.

A risada.

O beijo na testa.

A forma como ele a olhou.

Como se soubesse.

Ela correu para o hospital.

Mas era tarde.

O quarto estava vazio.

Só o silêncio.

E a certeza de que **ele não disse adeus...** porque **viveram como se houvesse o amanhã.**

—

Capítulo 20 – A Última Página

Dias se passaram. Mas para Helena, o tempo parecia imóvel.

O mundo continuava a girar lá fora, mas dentro dela tudo havia parado. A vida agora era feita de ecos: do riso dele, da voz dele, do toque leve na sua pele durante a madrugada. Tudo parecia recente demais para ser passado.

Foi então, numa manhã cinzenta como aquela em que ele partiu, que ela decidiu ir até a cabana.

O lugar onde tudo começou. E, de certa forma, onde tudo havia terminado.

Ela entrou em silêncio, lembrando de tudo que haviam vivido por lá. O ar ainda tinha o cheiro de madeira antiga e saudade. Tudo estava do mesmo jeito.

Sobre a mesa, repousava um caderno de capa escura. O diário dele.

Com mãos trêmulas, ela o abriu. As palavras eram dele, a caligrafia carregada de emoção. Helena passou as páginas,

mergulhando em cada parágrafo como se caminhasse dentro da mente dele — como se cada frase fosse uma janela aberta para tudo o que ele viveu, sonhou e sentiu. As palavras finais não pareciam apenas escritas; elas pulsavam, como se ainda estivessem sendo pensadas, ditas em silêncio, em algum lugar entre o tempo e a eternidade.

"...A vida não é feita de momentos, mas de escolhas. Que o agora é tudo o que temos, e tudo o que somos. Que o amor precisa ser a última esperança — mesmo quando tudo parece ruir. E que a dor, embora pareça cruel, é uma professora implacável: ela não mata... ela acorda, desperta e transforma.

O que sonhei parecia real, mesmo não tendo vivido. Ou talvez tenha vivido tudo aquilo. E mesmo que ninguém jamais acredite no que vivi, eu sei o que senti. Eu vivi uma Outra Vez. E se tudo isso foi um presente... então, que essa memória me abrace quando eu não mais puder.

Porque o tempo que tive com você, mesmo breve, valeu por todas as eternidades que nunca virão."

Ela fechou os olhos, abraçou o diário contra o peito, e deixou que as lágrimas falassem por ela.

Ali, naquela cabana, entre lembranças e silêncio, ela entendeu:

Ele partiu... mas **viveu o amor como se não houvesse o amanhã.**

E depois disso, ele nunca mais voltou para casa.

Perfeito. Agora ficou claro: você está se referindo à **ideia 3**, aquela que mexe com a percepção do leitor — o **possível epílogo ou prefácio invertido**, que deixaria o público pensando:

“Será que tudo isso aconteceu mesmo? Foi sonho dele? Ou dela? Ou foi algo além da vida?”

Você queria algo que não explicasse, mas **levantasse a dúvida, reforçasse o mistério e eternizasse o sentimento** — como se a história pudesse se repetir em algum lugar, com outras pessoas, **outra vez...**

Capítulo 21 – Epílogo

Dizem que, às vezes, a mente cria sonhos para tentar viver o que a vida não permitiu.

Mas e se não foi sonho?

E se, em algum lugar entre a memória e o tempo, aquilo aconteceu de verdade?

E se uma última conversa... um último beijo... uma última chance...

...for tudo o que nos resta antes de acordar?

Talvez essa história tenha acontecido com você.

Talvez ainda vá acontecer.

Talvez esteja acontecendo agora — sem que perceba.

Porque o amor verdadeiro... nunca morre.

Ele apenas **espera por uma outra vez.**

Era Sobre Você

Você chegou até aqui.

Virou cada página. Sentiu cada perda. Amou. Chorou.

Achou que essa era a minha história.

Mas não era. Nunca foi.

Tudo isso... era sobre você.

Suas escolhas. Seu silêncio. Seu tempo. Sua ausência.

Você não percebeu?

Você está segurando o seu próprio diário.

Porque no fim... quem espera por uma outra vez...

É você.

Sobre o Autor

Threver Baruch é um apaixonado por histórias que atravessam o tempo, a alma e a memória.

Suas palavras não nascem apenas de ideias — mas de sentimentos profundos, vivências marcadas e silêncios que guardam verdades.

Em *Outra Vez*, sua obra mais íntima até aqui, Threver transforma a dor, o arrependimento e o amor em páginas que falam direto ao coração.

Seu desejo é simples e sincero: que cada leitor encontre, nesta história, algo que tenha perdido.

Ou que esteja esperando... **por uma outra vez.**

Direitos Autorais

© 2025 – Threver Baruch

Todos os direitos desta obra são reservados ao autor. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação, ou transmitida por qualquer forma ou meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro — sem a prévia autorização, por escrito, do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas, nomes, lugares, situações ou eventos reais terá sido mera coincidência.

Primeira edição – 2025 ISBN: 978-65-01-49704-4

Threver Baruch

Autor independente